



This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

- + *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
- + *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
- + *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
- + *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at <http://books.google.com/>

A

861,530

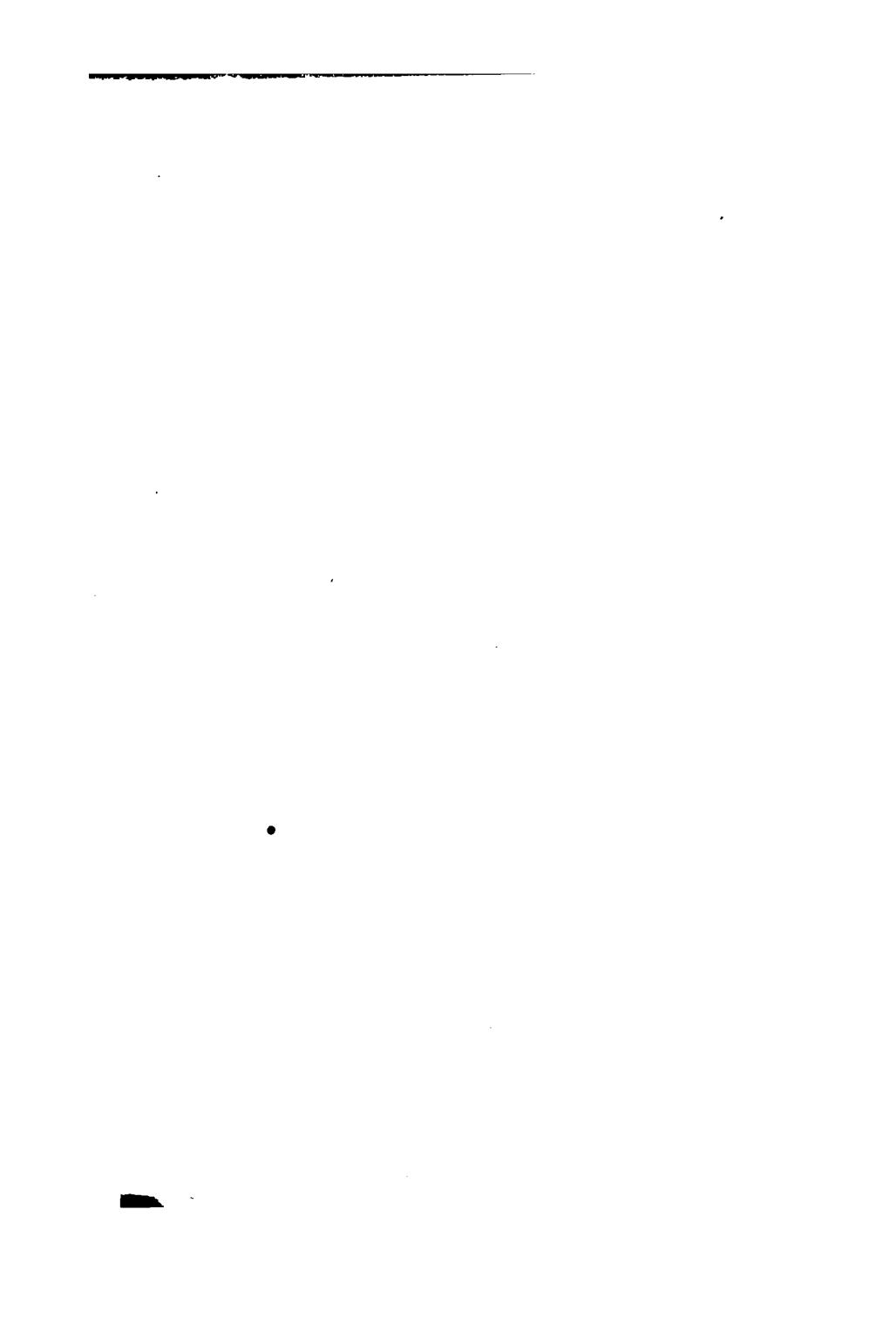


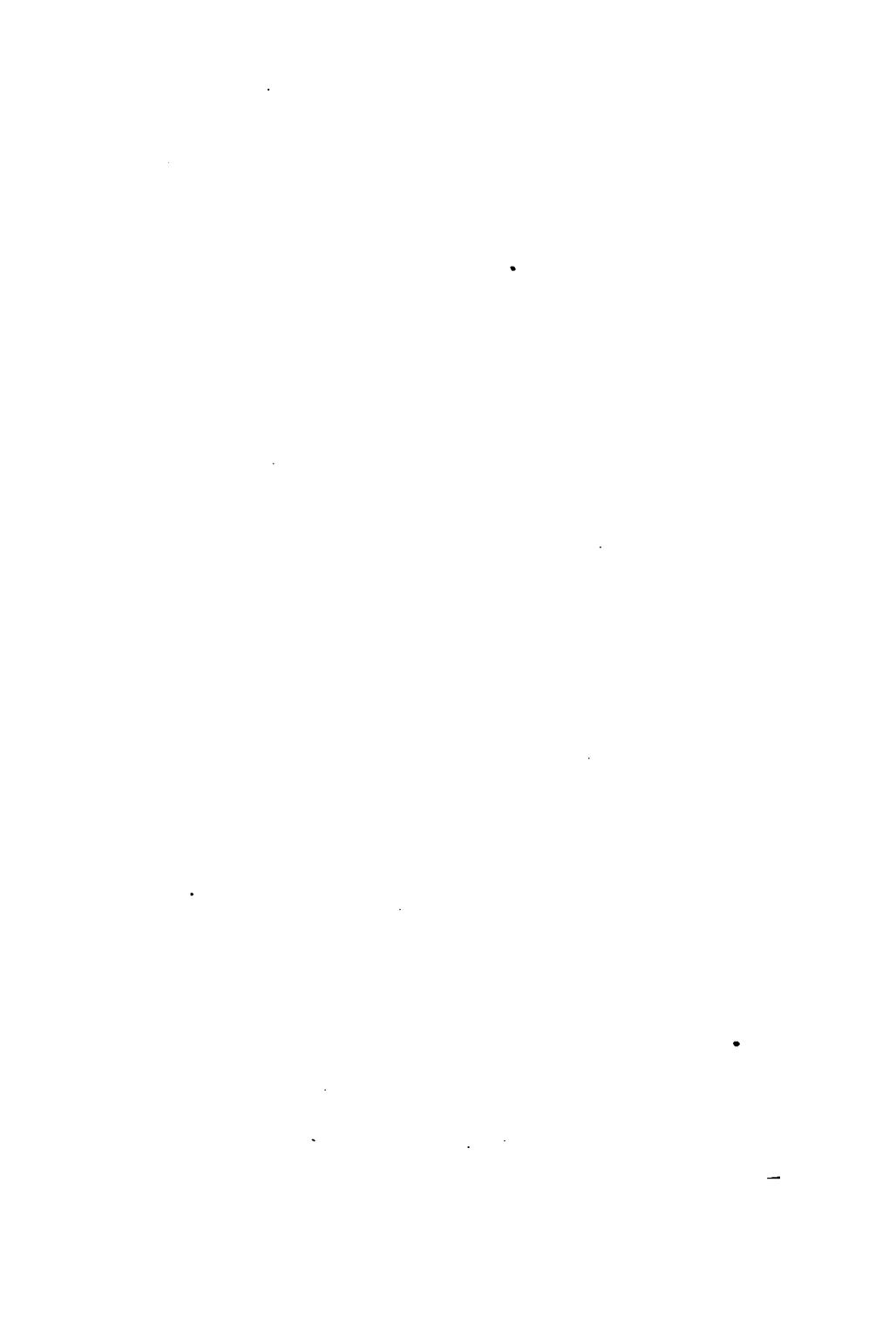


À minha irmã
Maricéia Cunha Paiva
sua irmã

Yosi Adolphina Paiva
Recife de Dezembro de 190

JUDENILIA







Odile et Nestor

LITERATURE

CONTINUATION
OF
THE
TRANSLATION
OF
THE
BUDDHIST
SCRIPTURES
INTO
THE
ENGLISH
LANGUAGE



Photo & Print

Cecilie Nestor

Odilon Nestor



JUVENILIA

EDITOR
Dom. de Sampaio Ferraz
PERNAMBUCO
MCMVI

869.8

A+6X



S que sabem das minhas relações com ODILON NESTOR, e que o conhecem, compreenderão uma certa reluctancia em elle consentir que fossem enfeixadas em volume suas producções poeticas.

Gozando a voluptuosidade egoistica dos coleccionadores, eu havia guardado algumas das que dispersamente iam sendo publicadas na imprensa diaria e na « Cultura Academica ». Líamos juntos, na intimidade confortadora, no recesso de nossas descuidosas palestras — as ineditas. Tomal-as por emprestimo, a pretexto de melhor, a sós, saboreal-as, abusar quasi em seguida, mandando fazer o livro — explica a execução de um desejo que ha mais de um anno eu nutria.

Assim, os que nos conhecem, a mim como um simples trabalhador que diariamente moureja pela vida, a elle como um rapaz de talentos a se encarreirar com brilho na judicatura superior do paiz — não podem estranhar que elle fizesse versos tão lindos e que eu desejasse, sem demais recompensas, a honra e o prazer de edital-os.

Odilon, que os produziu, poderia com proficiencia e galhardia discorrer sobre uma these do moderno direito. Eu poderia tanto editar poesias, como um escorço sobre a decantada crise economica, as taboas logarithmicas de Callet ou uma traducção da Historia do Commercio do Mundo por Noel.

O editor, em regra geral, edita poesia, como edita uns novos commentarios sobre o codigo civil que não possuimos, um compendio de calculo infinitesimal, a arte de cultivar os chrysanthemos, a etiologia de certas molestias zymoticas, um tratado de mecanica celeste ou um estudo sobre as ultimas guerras contemporaneas. Manda imprimir e vende.

Mas editar um epitome da vida recondita do coração e d'alma de um bom amigo, a quem se quer por involuntaria afinidade de sentir, é remexer no escaninho reservado de suas saudades nostalgiticas, é dar a relêr o breviario de suas recordações carinhosas de filho extremoso, é publicar um ementario de sonhos íntimos e dolentes ; — é vender « um relicario em forma de coração »...

Tudo isso turba-me o natural retrahimento e anima-me até a enxertar em proemio estas desambiciosas notas explicativas.

O publico perdoará a ousadia. Os corações amigos aplaudirão o affecto que nos une. Alento-me principalmente em que a critica não desce aos prefacios nem mesmo portanto a estas ligeiras notas que, na sua pobreza, não devem comprometter os versos que annunciam. E esses, os versos, eu quero acreditar que podem esperar serenos o juizo dos competentes.

Não está em mim esconder o desvanecimento, o legitimo prazer de apresentar em livro as tróvas de um moço poeta de maneira subjectiva, em que a mágoa vagamente resignada, a

dôr suave, predomina como o *leitmotiv* de sua lyrical; em que vicejam as producções de um iniciado em contraponto, a se inspirar nos immorredoiros e sempre novos librêttos das travosas verdades e das suaves alegrias da vida :—a flôr e seus espinhos, as crianças e a velhice, os sinos e os echos languidos nas quebradas da serrania, o amor e a morte, a immensidão de todos os mysterios, toda a natureza emfim, comprehendida ou indecifravel, essa « feiticeira sem piedade, rival sempre victoriosa. »

O seu lyrismo não é desferido na lyra pesada dos Arcades. E' um desafogo de sentimentos que lhe não cabem no peito, ressumando soluços, ora estuoso, ora remansados, e em que o coração depura os gemidos de uma resignação submissa e docil—um suspirar, tão d'alma, de quem soffre mas sem desalentos, de quem soffre sem o des piedoso abandono da esperança.

E' nessa verdadeira e terna poesia que o seu éstro busca a inspiração em francos e bellos relanços.

Nessa eterna e verdadeira poesia, num mysticismo em que ressumbra a natural melancolia dos bons poetas, canta as dolorosas agruras ou as alegrias suaves da pobre alma humana.

Em seu dizer meigo de uma vernaculidade maviosa, rythmando os arroubos, cadenciando os transportes, se aprofunda ás vezes nos penetraes desse genero que nasce de commoções legitimas, dos amores e paixões, da intensidade de todos os sentimentos emotivos vibrando até o despertar psychico e assim elevados, em culto extremoso, até o divino altar da Arte

em que só pontificam os que têm um coração a transbordar de afectos e um cerebro intelligente e engenhoso, sedento de creações.

Poeta-artista em principio, correcto na fórmā, com um pendor manifesto á mais pura perfectibilidade, é sem embargo no fundo que se desdobra a sua expressiva maneira.

Seria um erro acreditarmol-o um artista-poeta. Na graça de sua fórmā harmoniosa, bem esboçada, na factura artistica de certas producções é sempre encontrado o fundo, sempre rebrilha a inspiração como a causa efficiente, como o motivo final de ser poeta.

A sua vocaçāo artistica não vae, nunca, a sacrificar pela fórmā o que sente e o que o inspira.

Em suas faculdades poeticas, sobredouradas sempre de uma idealisaçāo quasi transcendental, que o domina e o absorve, vê-se a sua alma descantando a meia voz, por vezes, como que expectante e sentida. Canta para se não amedrontar em começo da jornada...

Envolve-se, a seu modo, no eterno lyrismo como em a classica tunica, deixando que as dobras fluctuantes cáiam, com arte, por si mesmas, num pannejamento largo, simples e naturalmente bello.

Não se adorna com o rendilhado de lavores custosos e polidos até á ultima perfeição do acabamento em filigranas.

O derradeiro modo da estatuaria se firma na attitude como principal elemento a ferir fundo, a impressionar devéras

Rodin, moderno, não burila rendas, não cincéla atavios. O escopro esbóça em golpes largos, bem rasgados, deixando que a imagem surja do blóco vivendo no porte expressivo, na at-

titude symbolica, no gesto que fala, dando a animação em que deve palpitar toda a obra.

Não é Odilon um rebuscador infatigavel da fórmia, como não rebusca a rima brilhante e sorprehendente ou a phrase que impressione pela construcçao parecendo avessa mas correcta, a valer por difficult.

Registra, naturalmente, desacompanhado de preconicios ou truques de efecto. Exprime, num sentir normal, as desventuras mais fundamentaes do que ha de mysterioso e incognoscivel no viver humano.

E' sincero :—mostra o que sente na linguagem simples, mas sempre triumphante, dos que só dizem como sentem quando devérás sentem.

Se na cultura da poesia continuar, será certa a sua evolução para tornar-se, affeito á lide e com o engenho praticado, um parnasiano em apparencia. Esquadrinhem, analysem e hade ser encontrada a inspiração como a causa que o tornou artista.

E é por isso que eu acredo, acredo sincera e profundamente, que a boa acolhida, carinhosa e benévolā, deste livro—será expontanea em todos os espíritos eleitos, delicados e sensiveis ; em todos os corações que amam singelezas verdadeiras e palpitantes ; em todos os ouvidos que suavemente sabem se deleitar na eurythmia doce-amarga de echos e sons das saudades infindas, não mitigadas ; nos olhos que se extasiam em o pinturesco das descripções vividas que emmolduram ideias em tons violaceos de sol no occaso, a evocar sentimentos tristes, annuviados, mas puros e ternos, a despertar

sensações melancolicas, dolentes, mas de mistura, voluptuosas, tépidas, consoladoras.

Seu discorrer de amores, seu sentir emotivo, as ancias que o torturam, as duvidas que o obsédam escorrem sussurrantes como o cascatear sonoro do ribeiro que serpenteia pela encosta sombreada e silente, onde perpassa a brisa rugitando de leve, farfalhando de manso.

Sua poesia é descantada como em maravilhoso instrumento de varias cordas que se afinam para a orquestração que a mente dirige imperativa e disciplinadora.

Não deslismam seus versos em allegros, vivamente rythmados ; rólam adagio nas estrophes de um andamento sentido e bem marcado, na medida cadenciada a tempo, no canto vagaroso e cheio.

Eles se não revoltam rugindo, a bramir o desespero que acabrúnha e aterra.

Solúçam brandos e sinceros, idealmente melancolicos, as duvidas cruciantes desta vida de agonias sempre pungentes ; chóraram os ideiaes que se convertem em prosaicas realidades ; chóraram a luz que mysteriosa e dulcissima clareia mas empanhada sempre por ancias perscrutadoras ; chóraram sofrimentos amarissimos—dos quaes nunca sorriu, quem n'os fez, mas bem lhes sente o travôr—pelos quaes quem n'os fez nunca foi directamente ferido, mas em que sabe vibrar ao vêr as misérias do mundo sob o peso do ouro que do feliz destino herdou.

«... a alma dolente
retrahe-se, e não sorri ante a miseria humana.»

A dôr é a que elle crea na imaginação sensivel sem d'ella ser victima objectiva.

Os ares puríssimos e cálidos da serranía natal asfagaram livremente a escampada fronte de sua cabeça de sonhador.

Os raios ardentes do sol, que esbraseia e aniquila as ver-dejantes campinas da terra sertaneja em que nasceu, crestaram bem cedo as illusões, despertando angustias, que elle advinha e experimenta na gamma inteira de sua tonalidade nervosa, que sóam e palpitan num sofrer reflexo mas sincero, fustigando as faculdades sensoriaes, a cantar então imaginativamente entristecidas e afflictas.

Ao se abrir este livro tem-se em preludio essa feição do seu temperamento.

Esse « Preludio » é um consíteor do poeta e como no poemeto de Baudelaire, seus pensamentos quer saíam de si ou brótem das cousas « deviennent bientôt trop intenses. »

JUVENILIA—produções de moço—não é a verdade em festa, mas envolta nas sombras esbatidas de um véu diaphano de balsamicas commiserações. Não é a razão coroada de pampanos symbolicos e flôres rubras a trescalarem ondas de perfumes capitosos ; mas o raciocínio engrinaldado de violetas e semprevivas, amorespereitos e boninas. Não é o vôo re-cortado de andorinha inquieta e viajôra, chilreante e alegre, a procurar sempre a primavera, fugindo ao látigo rigoroso dos ventos hibernaes ;—é a jurity que dulçurosa gême queixumes no escuro emmaranhado da floresta eternamente virgem do sofrer humano. Não é o clangôr inalteravel de trombetas a echoarem alegrias monótonas, estridentes, sem fim ;— são arpejos harmonicos e suaves de cíthara plangente, dedilhada em mansas carícias, á luz quebrada de uma alcôva a rescender nardos e murta.

E' a dôr, raciocinada, deduzida involuntariamente, na eterna metaphysica dos que sabem soffrer ou sabem quanto dóem os soffrimentos.

E' a bondade por índole, sempre terna e amorosa, desfolhando em suspiros e saudades os sentimentos, todos os sentimentos affectivos que se enramalhétam nesse coração de pensador e poeta.

Não é a nêsga do céo eternamente azulada e primaveril; —Eolo, ao mando de Naios, pastoreja e arrebanha nuvens para cahirem fecundas, humedecendo e verdejando o valle secco e sedento.

As lágrimas das Hyades orválham e refrigéram a terra afogueada e sequiosa...

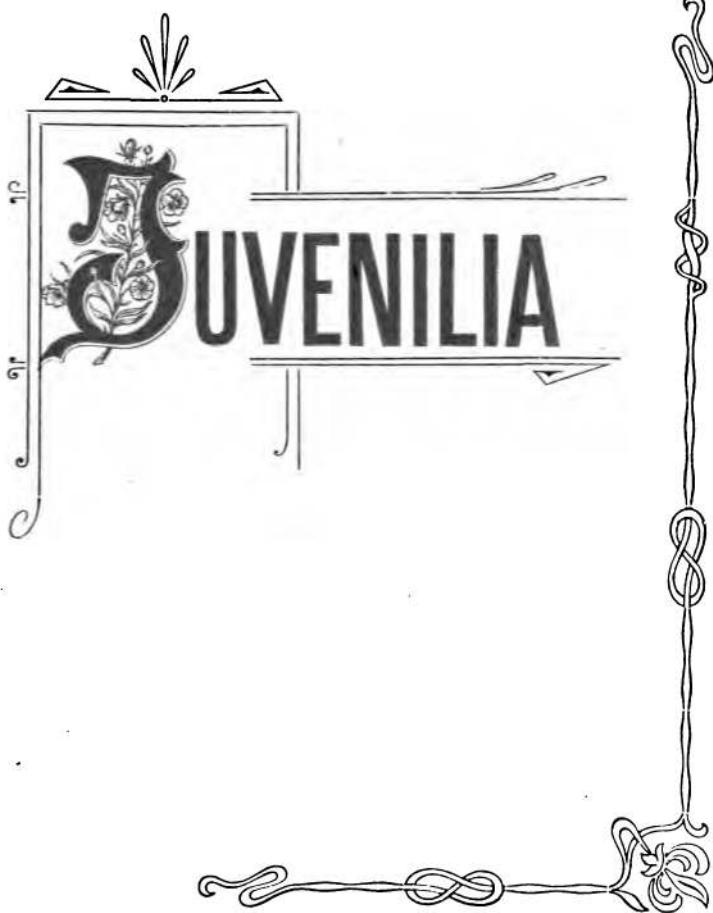
A lágryma é lenitivo da dor, a queixa bálsamo do peito oppresso e sofferente.

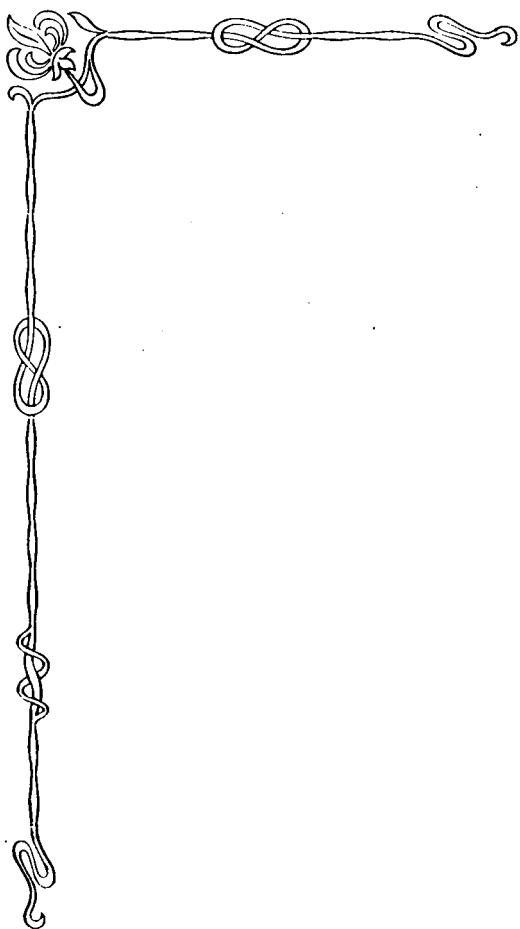
O desafôgo e o consolo são saldunes da sensibilidade emotiva, acorrentados pelo Bem, na lucta homérica contra as perpetuas afflícções, contra as sempiternas agruras do viver humano.

XIV-II—MCMVI.

DOMINGOS DE SAMPAIO FERRAZ.





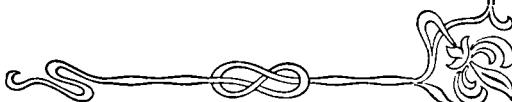


Preludio



Não tenho o coração de quem, risonho e crente,
pelos mares da vida, em plena furia insana,
não se queixa, não soffre, e nem a magoa sente,
que o coração mais firme abate, e o desengana.

Cedo passou por mim, gelando mortalmente,
a cerração da dôr, que as illusões empana !
Se tudo é triste, inane, vâo... a alma dolente
retrahe-se, e não sorri ante a miseria humana.



Illude-se quem, lendo os versos meus, exclame:
—vate do mal, cantou de rimas num enxame,
do pessimismo acerbo o velho thema escuro.—

Ah! não sabem talvez, ditosos optimistas,
como chego a invejar os proprios pessimistas,
pois encontram no *mal* o bem que em vão procuro!.





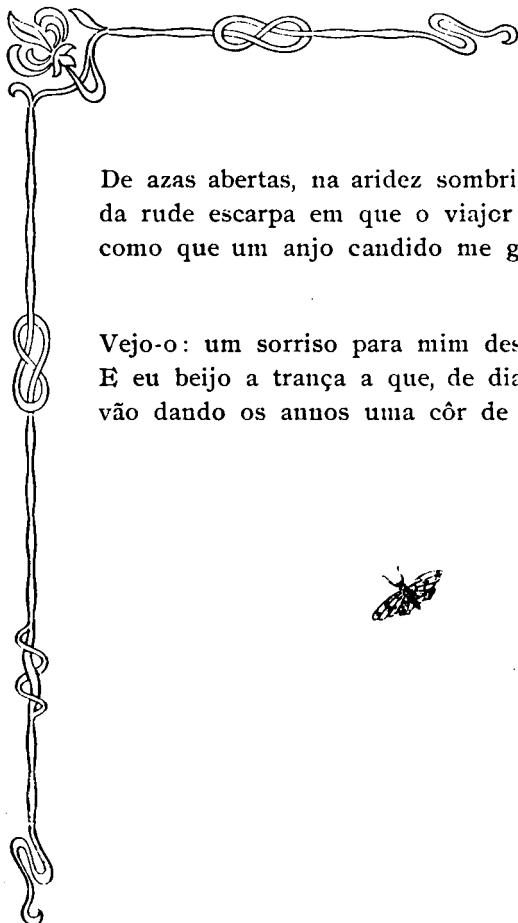
A minha Mãe

I

No seio da mulher, da esposa amada,
qual brando ninho que a ventura tece,
perto da luz d'um meigo olhar que desce,
ha quem sinta a sua alma extasiada.

Ha quem descance a fronte amargurada
num peito amigo, onde o infortunio esquece;
quem d'uma irm  a na enternecid  a prece,
ouça de novo os cantos da alvorada...





De azas abertas, na aridez sombria
da rude escarpa em que o viajor se mata,
como que um anjo candido me guia.

Vejo-o: um sorriso para mim desata!...
E eu beijo a trança a que, de dia em dia,
vão dando os annos uma côr de prata.

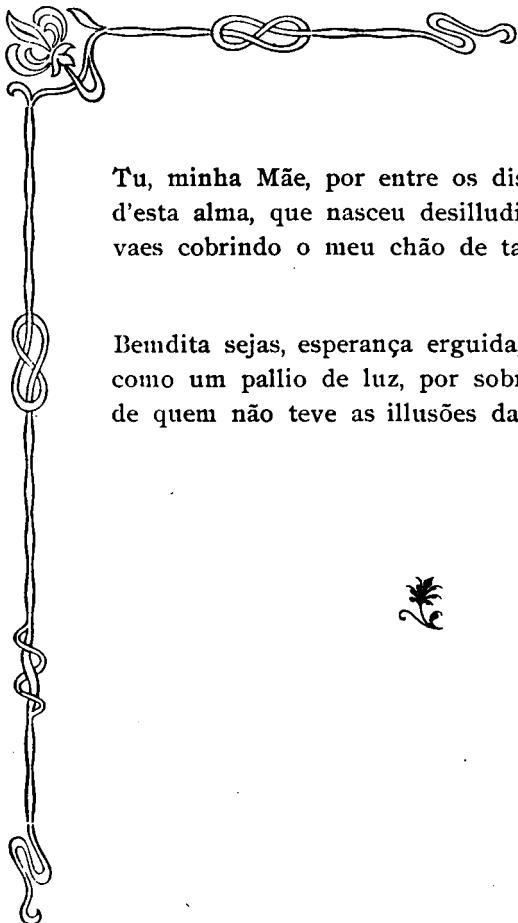


II •

Já não temo que em meio da jornada
me falte o alento p'ra subir, vencer,
pois no teu coração, fonte sagrada,
bebo a firme coragem do viver.

Que seria de mim, se pela estrada
que vou transponto, á força do dever,
eu te não visse, oh! alma idolatrada,
arrancando-me as urzes do soffrer ?!





Tu, minha Mãe, por entre os dissabores
d'esta alma, que nasceu desilludida,
vaes cobrindo o meu chão de tantas flôres!

Bemposta sejas, esperança erguida,
como um pallio de luz, por sobre as dôres
de quem não teve as illusões da vida!...

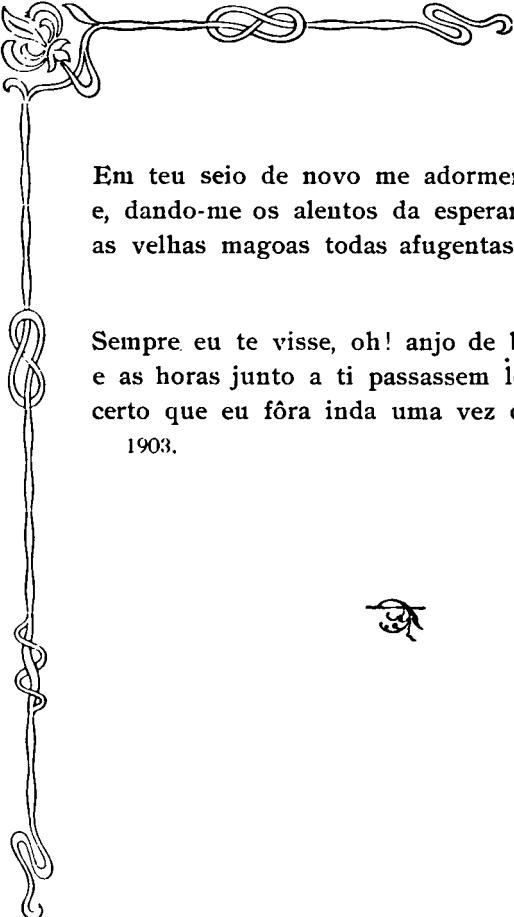


III

Hontem, de todo o coração banhado
no prazer, que te dava a minha vinda,
nem sequer presentiste a magoa infinda,
que traz de ha muito o espirito velado.

Relicario do Bem, do Amor sagrado,
que pelo mundo Deus reparte ainda !
quando a ventura eu já pensava fiuda,
sou feliz, contemplando-te a meu lado !





Em teu seio de novo me adormentas,
e, dando-me os alentos da esperança,
as velhas magoas todas afugentas...

Sempre eu te visse, oh! anjo de bonança,
e as horas junto a ti passassem lentas....
certo que eu fôra inda uma vez criança!...

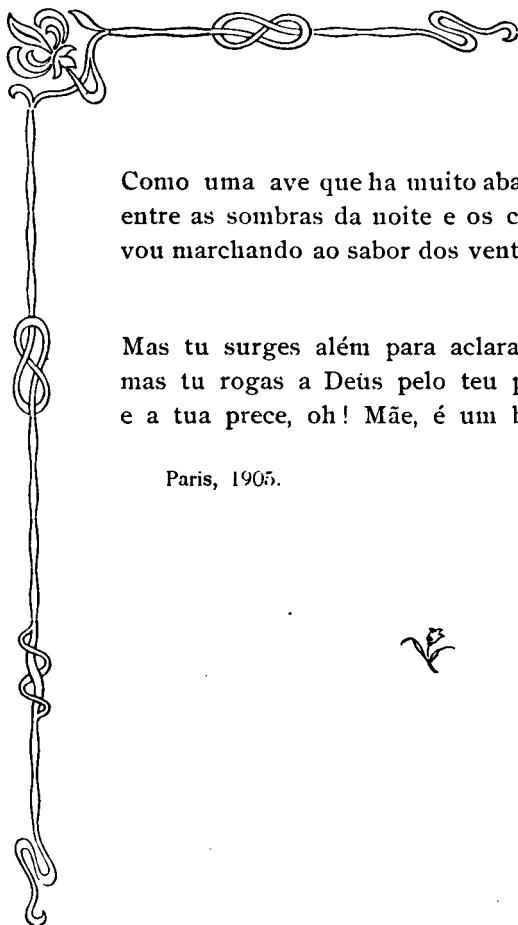
1903.

I V

Não penses tu jamais que exista um só momento,
que uma hora sequer eu veja decorrida,
sem lembrar-me de ti, oh ! doce Mãe querida,
tu, meu unico amor, meu sol, meu firmamento !

Tu me cinges de luz o torvo pensamento,
tu me embalas, de longe, a alma entristecida !
És a visão do Bem, que me sorri na vida,
se me abatem a dor, a magoa, o soffrimento.





Como uma ave que ha muito abandonou seu ninho
entre as sombras da noite e os cardos do caminho,
vou marchando ao sabor dos ventos do destino!...

Mas tu surges além para aclarar-me o trilho,
mas tu rogas a Deus pelo teu pobre filho...
e a tua prece, oh! Mãe, é um balsamo divino!

Paris, 1905.



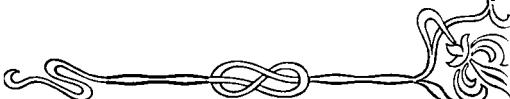
Trovas românticas

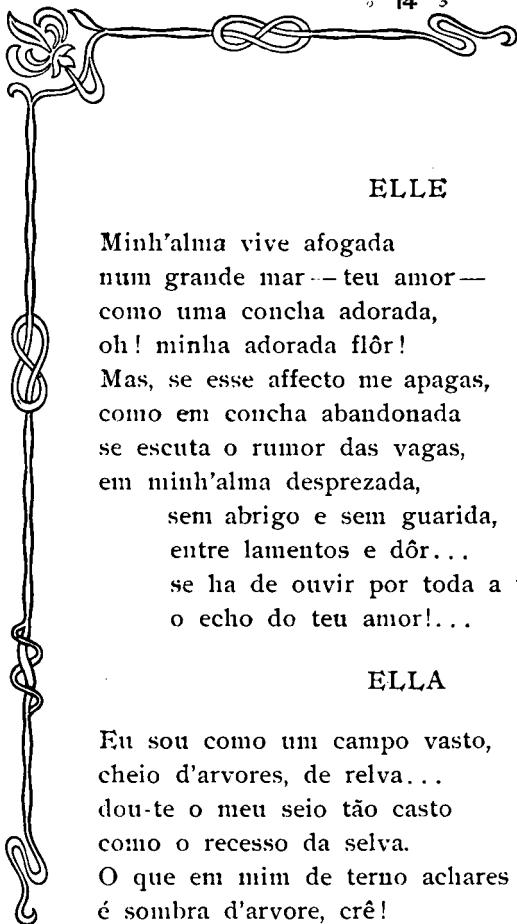
ELLE

Contei os nossos amores,
os teus segredos e os meus,
na terra—ás plantas e ás flôres,
no céu—aos astros e a Deus.
A's plantas e ás florescencias,
a Deus e ás constellações,
descobri as confidencias
dos nossos dois corações...

ELLA

Quando te vejo e em ti penso
cuido que Deus desce a ti;
que o teu coração imenso
abrange o universo em si...





ELLE

Minh'alma vive afogada
 num grande mar -- teu amor --
 como uma concha adorada,
 oh ! minha adorada flôr !
 Mas, se esse affecto me apagas,
 como em concha abandonada
 se escuta o rumor das vagas,
 em minh'alma desprezada,
 sem abrigo e sem guarida,
 entre lamentos e dôr...
 se ha de ouvir por toda a vida
 o echo do teu amor!...

ELLA

Eu sou como um campo vasto,
 cheio d'arvores, de relva...
 dou-te o meu seio tão casto
 como o recesso da selva.
 O que em mim de terno achares
 é sombra d'arvore, crê !
 E é relva p'ra tú pisares
 a paixão que em mim se vê...

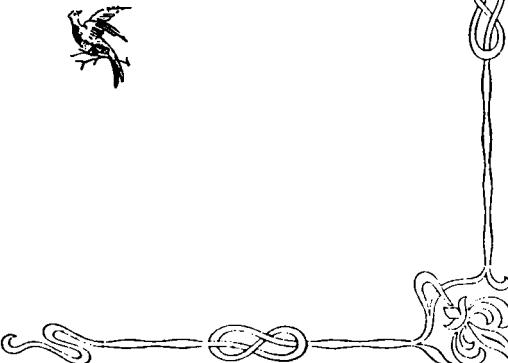
ELLE

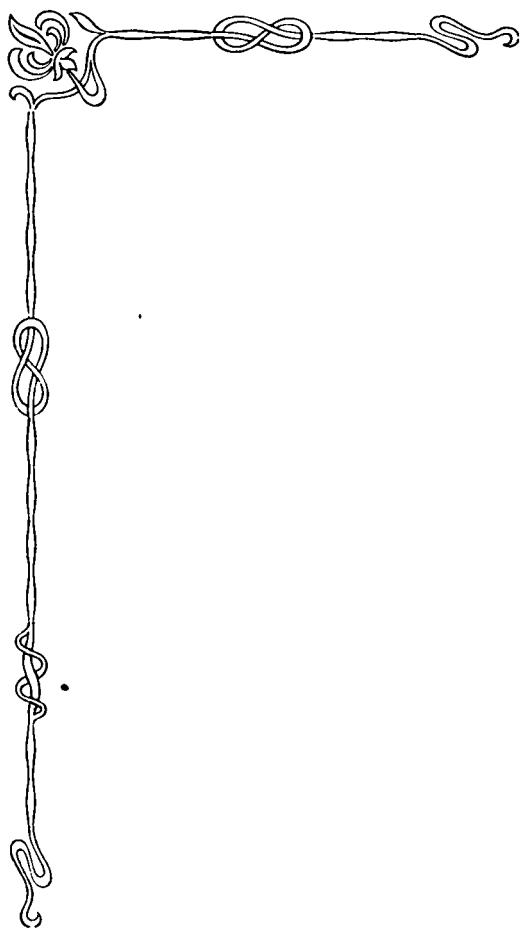
No céo, as lendas nos contam,
ha florestas invisiveis...

são as raizes que apontam
os astros inacessiveis !

Tinhas, ave, os teus adejos
em torno á flora celeste :
feriram-te os meus desejos,
e então descendo vieste...

E eu vejo-te vir, dolente,
dos infinitos espaços...
vir descendo e, meigamente,
cahir p'ra sempre em meus braços !





Ideias Irmãs



Ninguem lhes sabe a exacta procedencia!
Filhas talvez dos tempos que se contam,
partindo d'uma quadra a que remontam
as doces alvoradas da consciencia!

Feitas da mesma primitiva essencia,
confundem-se no berço em que despontam,
como dois galhos rígidos que apontam,
no mesmo caule antigo da existencia.



Concebe-as deste modo a mente humana:
como dois astros, cuja luz se irmana
nas profundezas de longínquos céos...

Dois grandes polos em que gyra a terra:
do Amor vêm a família, o estado, a guerra;
nascem da Morte a alma, o culto e Deus!

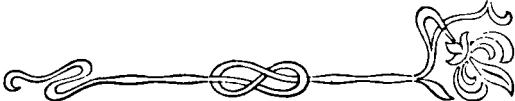


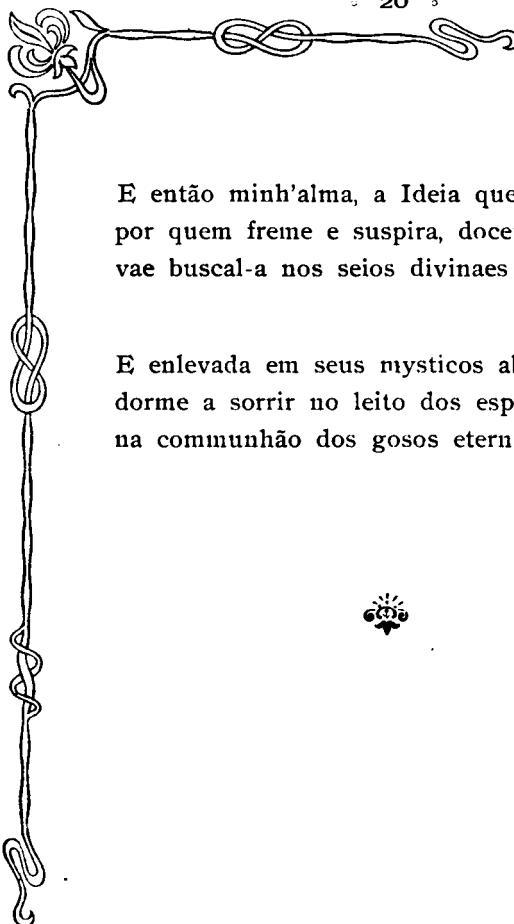
Mysticismo



Livre da magoa que meu ser devora,
eu scismo ás vezes... é tão bom scismar!
Como um passaro solto canta, agora
sinto o meu coração tambem cautar...

Sinto a luz, a verdade, a branca aurora
que na noite do peito vem brilhar!
Toda a crença dos simples, que avigora,
todo um culto de amor, se é isto amar...





E então minh'alma, a Ideia que presente,
por quem freme e suspira, docemente
vae buscal-a nos seios divinaes !

E enlevada em seus mysticos abraços,
dorme a sorrir no leito dos espaços,
na communhão dos gosos eternaes !

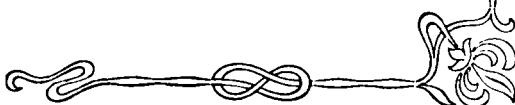


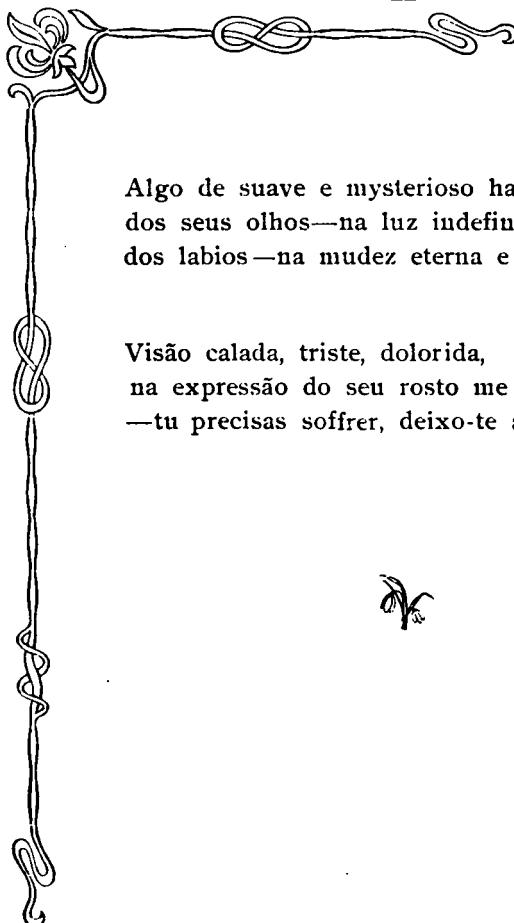
Destino



Um dia eu vi a Morte, e o seu semblante,
piedoso e calmo, surprehendeu-me assim !
Na vigilia da febre delirante,
que estranho e doce olhar poisava em mim ! . . .

Ah ! não era o phantasma horripilante,
que vem quebrar as taças d'um festim . . .
Que rouba o pae, o irmão, a esposa amante,
que o coração das Mães golpeia enfim ! . . .





Algo de suave e mysterioso havia
dos seus olhos—na luz indefinida,
dos labios—na mudez eterna e fria.

Visão calada, triste, dolorida,
na expressão do seu rosto me dizia:
—tu precisas sofrer, deixo-te a vida!...

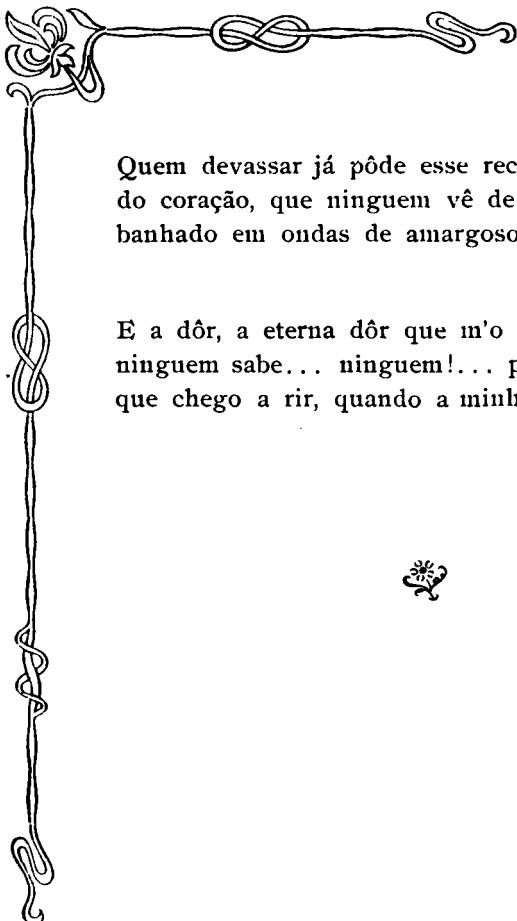
Riso e Pranto



Porque me rio, pensam que, sentindo
vivo prazer, demonstro isso que sinto...
Quem ousara dizer que illudo e minto,
quando chorar devera, assim sorrindo ?!

Se, p'ra velar um sofrimento infindo,
de alegres côres o semblante eu pinto,
certo se engana quem suppõe extinto
o mal, que vive n'alma e a vae pungindo !





Quem devassar já pôde esse recanto
do coração, que ninguem vê de fóra,
banhado em ondas de amargoso pranto ?!

E a dôr, a eterna dôr que m'o devora,
ninguem sabe... ninguem!... pois velo-a tanto
que chego a rir, quando a minh'alma chora!...

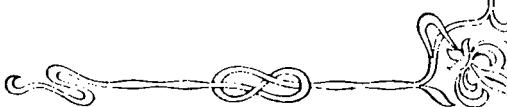


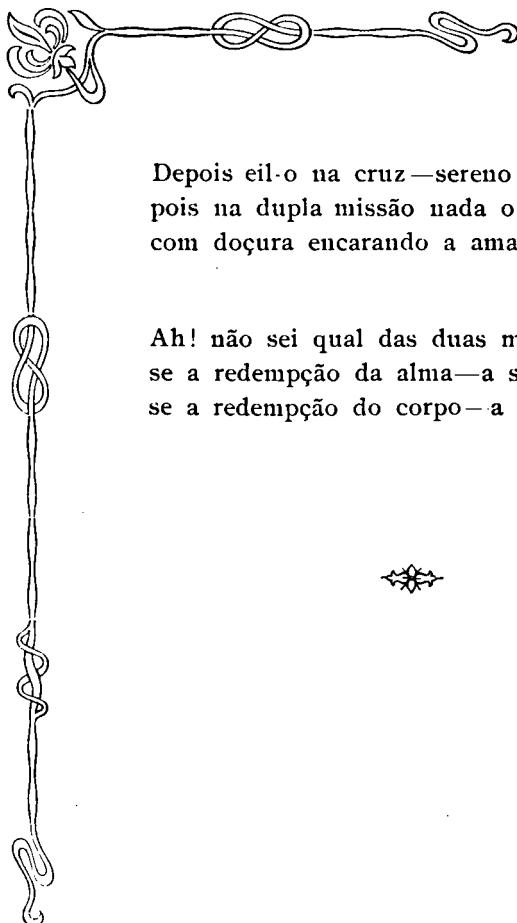
Jesus de Nazareth



Num estabulo vê a luz do dia
e se acerca de rudes pescadores;
chama pae a um artista, e soffre as dôres
que o manso, o fraco, o misero soffria.

A's crianças e aos pobres se associa
numa effusão de mysticos amores!
Expulsa do seu templo os mercadores,
e perdôa á mulher que os pés lhe ungia...





Depois eil-o na cruz—sereno e forte—
pois na dupla missão uada o intimida,
com doçura encarando a amarga sorte!

Ah! não sei qual das duas mais querida:
se a redempção da alma—a sua Morte,
se a redempção do corpo—a sua Vida!

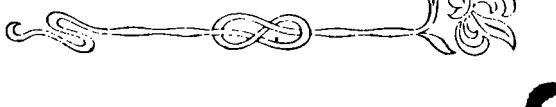


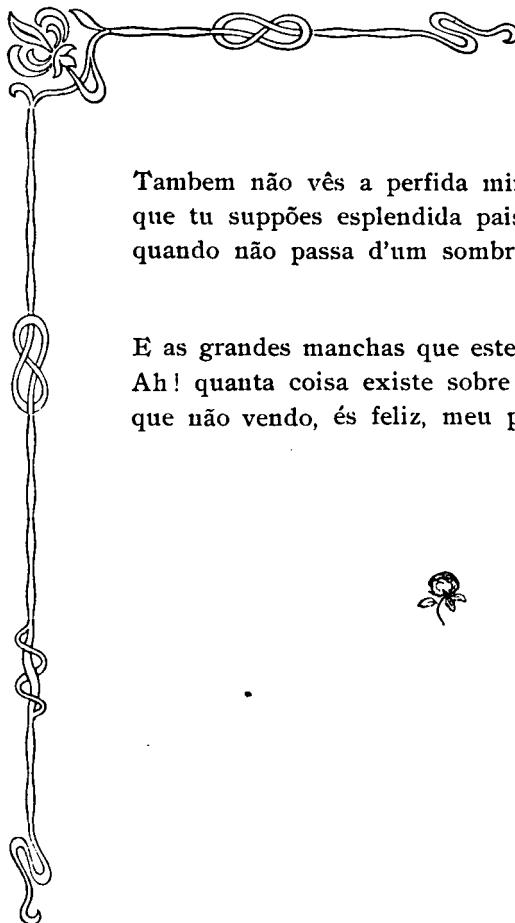
A um cego



Nessa dôr que, de muitos ignorada,
faz-te crêr noutras sortes mais ditosas,
nessa treva continua as fulgorosas
scintillações não brilham da alvorada.

E vaes marchando pela noite... a estrada,
o valle, a serra e as arvores froudosas,
rios, vergeis, encostas deliciosas...
por tudo passas, sem que vejas nada!





Tambem não vês a perfida miragem,
que tu suppões esplendida paisagem,
quando não passa d'um sombrio pego...

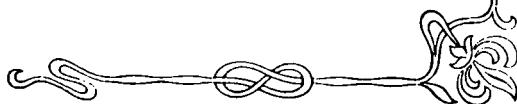
E as grandes manchas que este mundo encerra!..
Ah! quanta coisa existe sobre a terra,
que não vendo, és feliz, meu pobre cego!

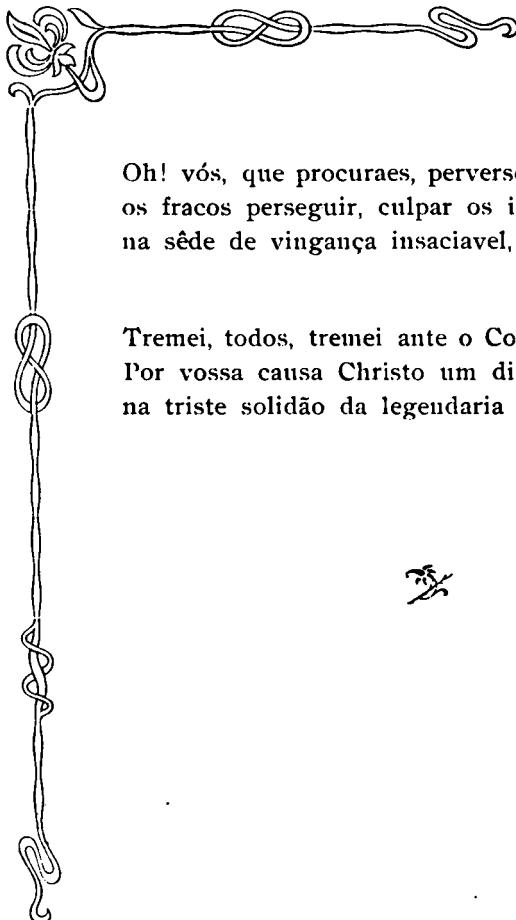
Gethsemani



vós, que a bôa fé do amigo generoso
s a todo o instante a surprehender na vida;
io peito abrigaes a inveja fraticida,
r com o odio mau, cruel e rancoroso...

, que aos corypheus do mundo mentiroso
dade trazeis, miserrimos, vendida;
is, que entregaes a victima inanida
aos do povo—o algoz terrivel e impiedoso!





Oh! vós, que procuraes, perversos, inlementes,
os fracos perseguir, culpar os innocentes,
na sêde de vingança insaciavel, bruta,

Tremei, todos, tremei ante o Cordeiro exangue!
Por vossa causa Christo um dia suou sangue
na triste solidão da legendaria gruta!...





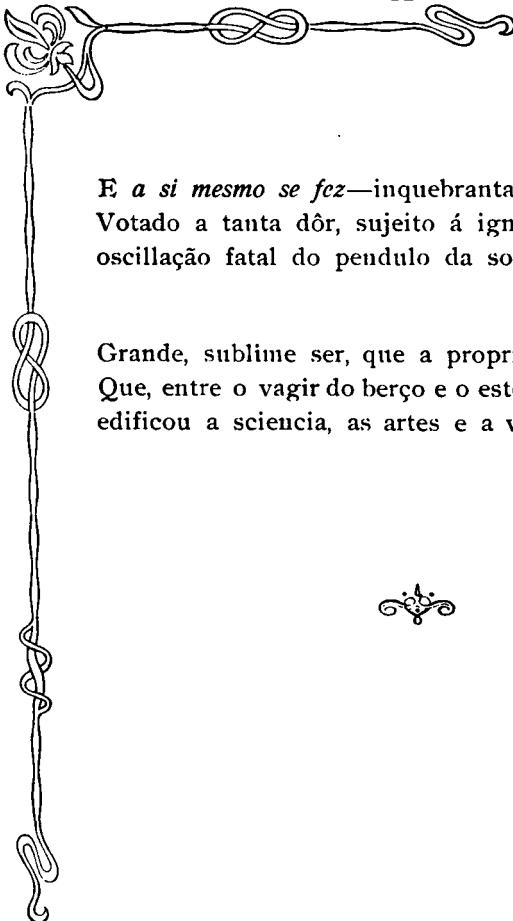
O homem



tem de assombroso o seu trabalho ingente,
indo através dos tempos, das edades...
e o fundo da rocha ás actuaes cidades,
e a era de bronze á epocha presente.

umbra e maravilha essa creaçao potente,
se desdobra ufana em tantas variedades !
imenso cabedal das cultas sociedades
homem quem fez, luctando heroicamente !





E a si mesmo se fez—inquebrantavel, forte!
Votado a tanta dôr, sujeito á ignota e rude
oscillação fatal do pendulo da sorte!...

Grande, sublime ser, que a propria dôr illude!
Que, entre o vagir do berço e o estertorar da morte,
edificou a sciencia, as artes e a virtude!

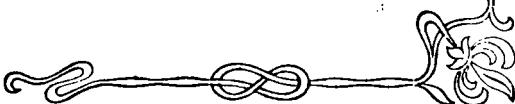


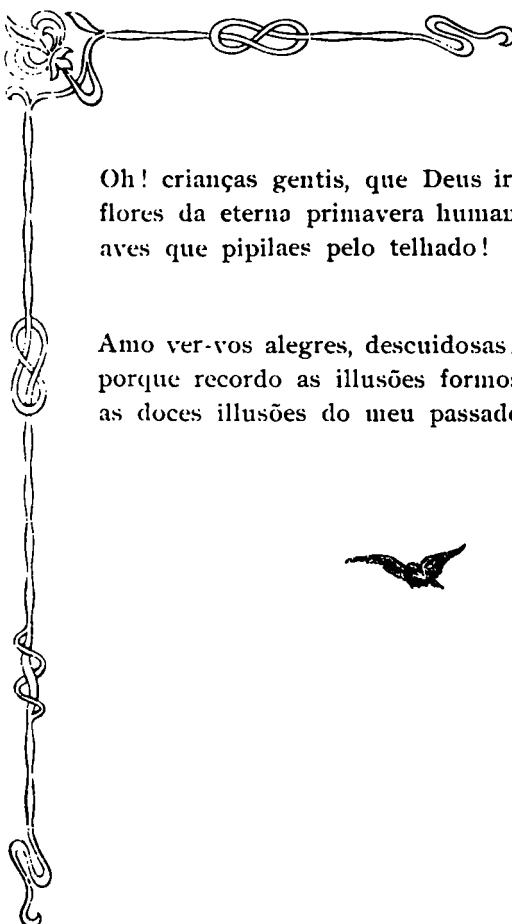
As Crianças



Vendo-as assim alegres, descuidosas,
borboletas que vôam livremente,
como num cyclorama, vagamente,
revejo as minhas illusões formosas! . . .

Os trajes d'ouro, as vestes luminosas
com que outróra cobrio-se a alma innocente,
passam agora, passam velozmente,
como um bando de coisas vaporosas.





Oh! crianças gentis, que Deus irmana,
flores da eterna primavera humana,
aves que pipilaes pelo telhado!

Amo ver-vos alegres, descuidosas...
porque recordo as illusões formosas,
as doces illusões do meu passado!

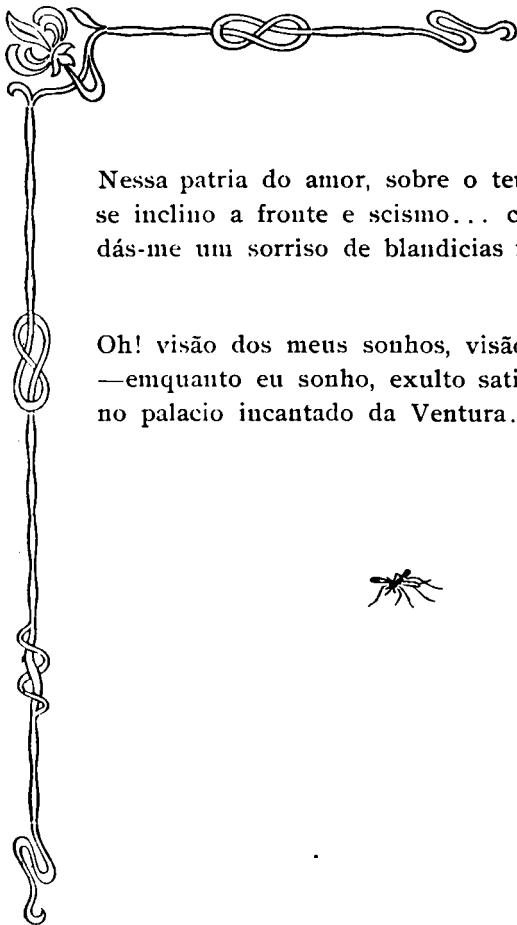


Sonhos



to longe d'aqui, muito distante,
a ilha talvez de ignotos mares,
em sonhos minh'alma... Entre luares,
site desce placida e brilhante.

la-se do sandalo fragrante
oma doce que embalsama os ares...
u bebo a inspiraçao dos meus cantares
querulo gemer da vaga arfante...



Nessa patria do amor, sobre o teu peito,
se inclino a fronte e scismo... com ternura
dás-me um sorriso de blandicias feito.

Oh! visão dos meus sonhos, visão pura!
—enquanto eu sonho, exulto satisfeito
no palacio incantado da Ventura...



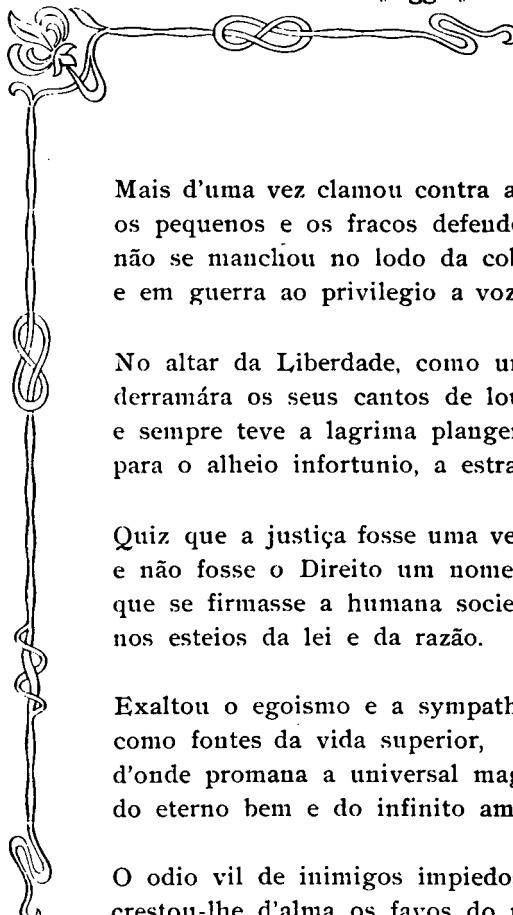
Termo da Jornada

A C. A. Ribeiro

Quando no fim da estrada o olhar afflito
lançou em torno e não achou ninguem,
partiu-lhe d'alma o derradeiro grito
dos desherdados que nem poiso têm...

Sangrara os pés nas urzes do caminho,
rasgara as mãos nas farpas do dever,
sem que pudesse construir um ninho,
e alguém lhe acalentasse o seu viver.

E fôra bom, no entanto, e fôra justo,
mais ainda: um estoico luctador!
Subio a escarpa da existencia a custo,
cortando o mal e derrocando a dôr!



Mais d'uma vez clamou contra a injustiça,
os pequenos e os fracos defendeu;
não se manchou no lodo da cobiça,
e em guerra ao privilegio a voz ergueu.

No altar da Liberdade, como um crente,
derramára os seus cantos de louvor,
e sempre teve a lagrima plangente
para o alheio infortunio, a estranha dôr.

Quiz que a justiça fosse uma verdade,
e não fosse o Direito um nome vão ;
que se firmasse a humana sociedade
nos esteios da lei e da razão.

Exaltou o egoismo e a sympathia,
como fontes da vida superior,
d'onde promana a universal magia
do eterno bem e do infinito amor.

O odio vil de inimigos impiedosos
crestou-lhe d'alma os favos do prazer;
sentiu o dente mau dos invejosos,
e o punhal da calunia o fez soffrer.

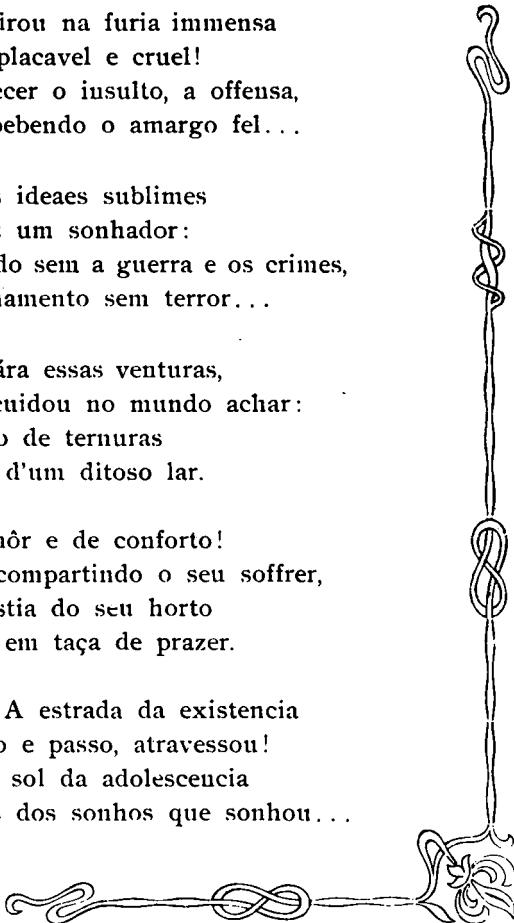
io se desvairou na furia immensa
ingança implacavel e cruel!
urava esquecer o iuslito, a offensa,
o Christo, bebendo o amargo fel...

nocidade os ideaes sublimes
seriam talvez um sonhador:
ia um mundo sem a guerra e os crimes,
e d'um firmamento sem terror...

ara si sonhára essas venturas,
tão faceis cuidou no mundo achar:
paraizo feito de ternuras
eaz discreta d'um ditoso lar.

isava de amôr e de conforto!
guem que, compartindo o seu soffrer,
lice d'angustia do seu horto
convertesse em taça de prazer.

ossivel!... A estrada da existencia
iho, a passo e passo, atravessou!
u morrer o sol da adolescencia
e as nuvens dos sonhos que sonhou...





Perdera as illusões, perdera a crença,
que o mantivera impavido, de pé!
Da noite do viver na treva deusa
amortalhara a sua propria fé.

Tombava enfim vencido... e os vencedores
sem alma, sem amor, sem coração,
entre nimbos de glórias e entre flores,
eram saudados pela multidão!...

Agora o inverno, o pôr do sol da vida!
O frio, a sombra, a dúvida, o terror...
Luz de crepúsculo vesperal sumida
no occaso triste da soturna dor !



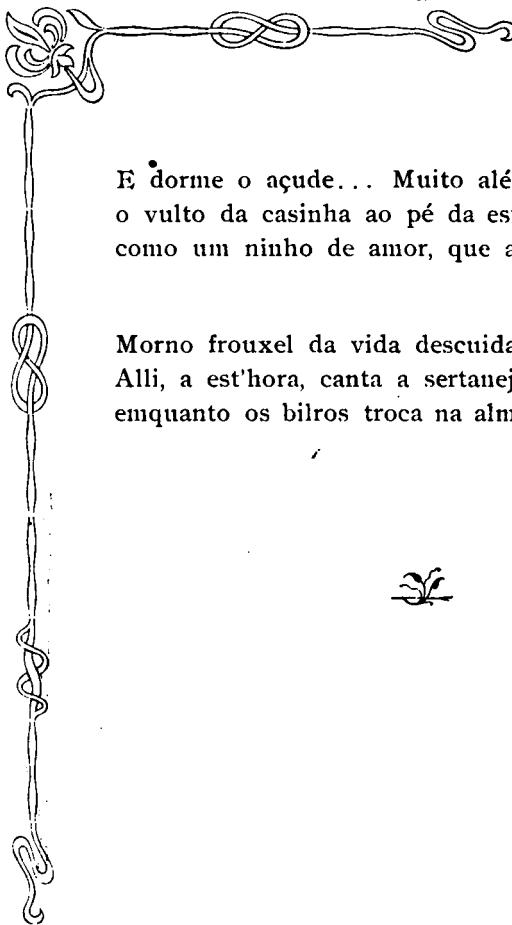
Paisagem do Norte



Dezenbro. Meio dia. Um sol doirado
queima a vasta planicie tropical.
Sussurra a brisa em torno do curral,
e muge, ao longe, tristemente o gado.

Do alpendre á sombra o lavrador deitado
sonha com chuvas innundando o val...
Sofreja agora um terno madrigal
o gallo de campina abandonado.





E dorme o açude... Muito além branqueja
o vulto da casinha ao pé da estrada,
como um ninho de amor, que a terra beija.

Morno frouxel da vida descuidada!...
Alli, a est' hora, canta a sertaneja,
emquanto os bilros troca na almofada...



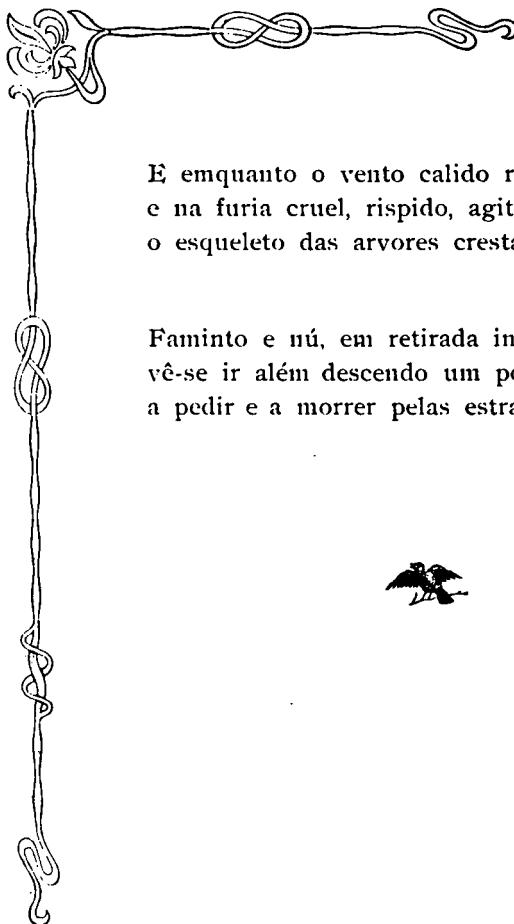
A Seca



Todo esse campo agora abandonado
queimou do sol a polvora candente!
Já de verde o não tinge a grama olente,
seccaram fontes, e morreu o gado!

O céo não chora o orvalho suspirado;
nem sombra existe na planicie ardente!
Niuhos sem ave, habitações sem gente...
quanta gente sem pão, por todo o lado!...





E emquanto o vento calido rugita,
e na furia cruel, risrido, agita
o esqueleto das arvores crestadas,

Faminto e nu, em retirada informe,
vê-se ir além descendo um povo enorme,
a pedir e a morrer pelas estradas!...



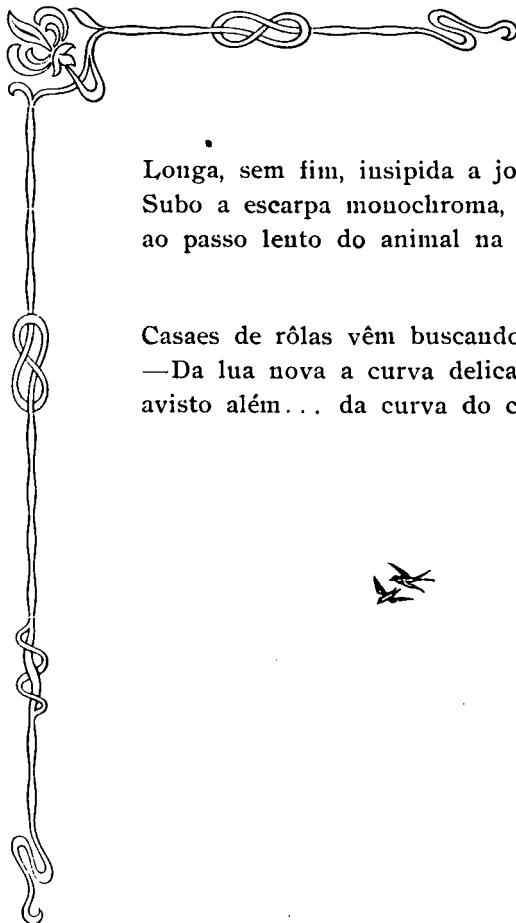
Em viagem



Agora eu sigo á sombra do sol posto,
no frouxo esmorecer da ave-maria...
Não tarda em vir a noite! E a nostalgia
virá com ella me cobrir o rosto...

Nem vejo a casa! O desejado encosto,
que se esconde por traz da serrania,
temo que fuja, como foge o dia,
deixando n'alma um travo de desgosto!





Louga, sem fim, insípida a jornada!
Subo a escarpa monochroma, sosiinho,
ao passo lento do animal na estrada.

Casaes de rôlas vêm buscando o ninho...
—Da lua nova a curva delicada
avisto além... da curva do caminho.



O boi

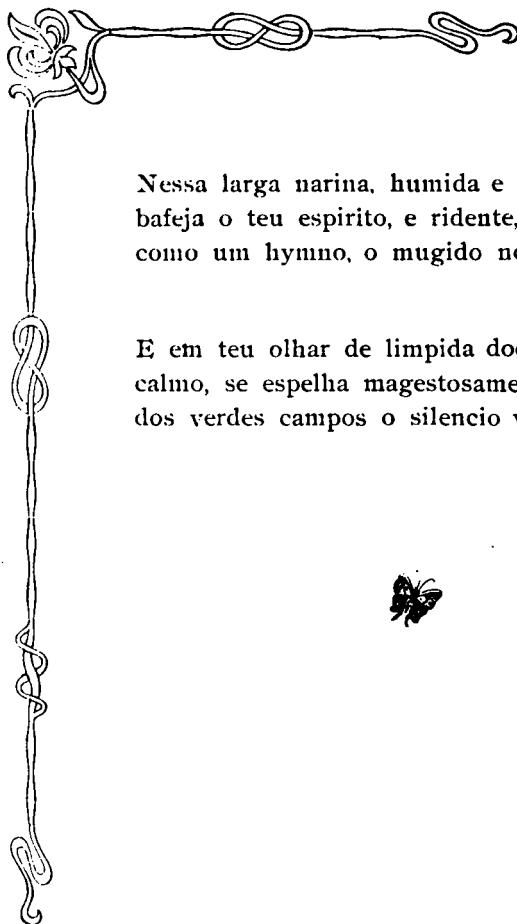
(Carducci)



...-te, oh! boi piedoso ! Um sentimento
ígor e de paz tu me forneces,
e e solemne, como um monumento,
ndo os campos de doiradas messes.

o á canga, não soltas um lamento,
ao homem na lida favoreces.
fala e te punge, e tu com o lento
er dos olhos mansos lhe obedeces.





Nessa larga narina, humida e escura,
bafeja o teu espirito, e ridente,
como um hymno, o mugido no ar se perde...

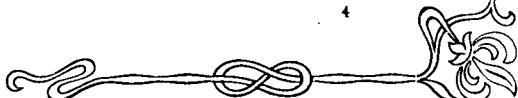
E em teu olhar de limpida doçura,
calmo, se espelha magestosamente,
dos verdes campos o silencio verde.

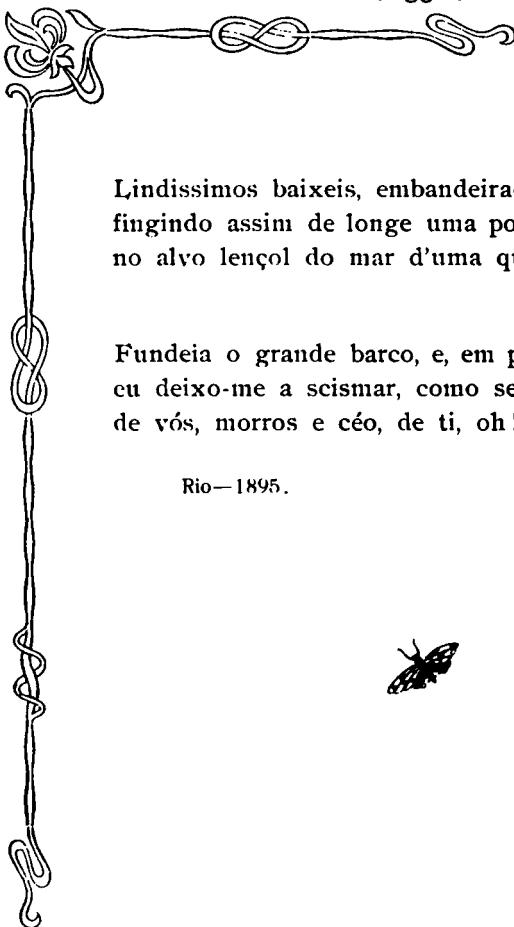
Guanabara



leres gentis e celeres passando
ilgor da manhã na placida bahia,
tanto, sob um céo de paz e de harmonia,
os morros azues do mar se destacando.

um vulto soberbo apenas despontando,
lado de luz, de incanto e de poesia,
ndo do horizonte azul que me extasia,
do Corcovado o cimo venerando.





Lindíssimos baixei, embandeiradas lanchas,
fingindo assim de longe uma porção de manchas,
no alvo lençol do mar d'uma quietude rara.

Fundeia o grande barco, e, em pé no tombadilho,
eu deixo-me a scismar, como se fôra filho
de vós, morros e céo, de ti, oh! Guanabara!

Rio—1895.

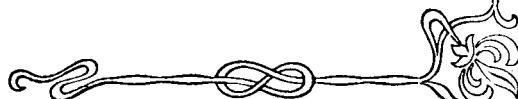


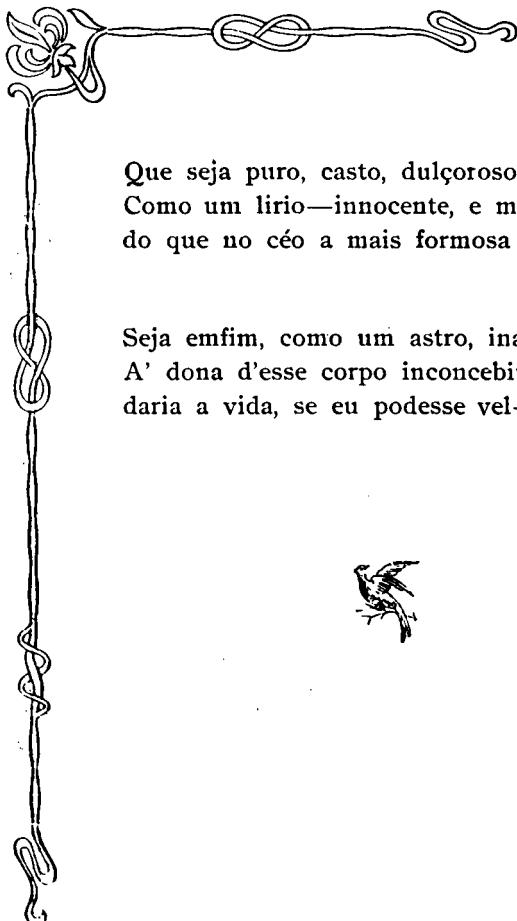
Escultura



Quero um corpo de formas buriladas,
um talhe esbelto, um corpo sem igual,
de linhas impeccaveis, delicadas,
leve, gentil, gracioso, divinal.

Quero que tenha a côr das alvoradas,
mixto de rosa e leite—a côr triumphal!
E o mysterio das noites constelladas,
e as sombras do crepusc'lo vesperal.





Que seja puro, casto, dulçoroso...
Como um lírio—innocente, e mais formoso
do que no céo a mais formosa estrella!

Seja emfim, como um astro, inaccessible!
A dona d'esse corpo inconcebivel
daria a vida, se eu podesse vel-a...



A u m a A r t i s t a



Outrora nos festins as Deusas revestidas
de tunicas de lã de purpura marinha,
aceitavam os dons, e as saudações erguidas
á belleza immortal, que outro valor não tinha...

Certo, não vim trazer as amphoras brunidas,
onde o Nectar scintilla e onde o prazer se aninha;
nem pratos de Ambrozia, ou flores escolhidas
para o adorno vulgar d'um collo de rainha.





Cahiram do seu throno as Nymphas perfumadas!
Mythifica-se a Arte, e as Deusas festejadas
já não descem do céo; mas erguem-se entre nós!...

Venho saudar a Artista, o genio que fulgura!
Essa, que tem no peito um ninho de ternura,
e uns gorgeios de amor nas inflexões da voz!...



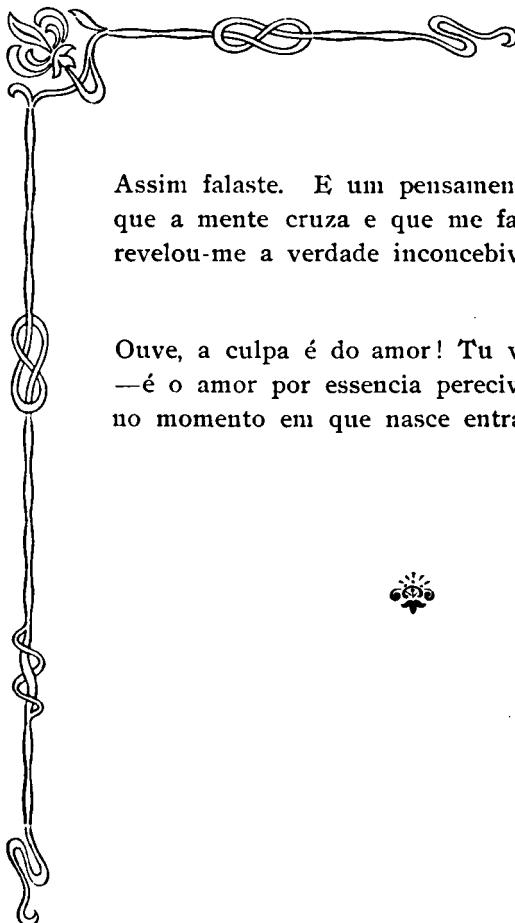
Defeito do amor



« Já não tens os arroubos do desejo,
nem aquella caricia palpitante
em que outróra involvias tua amante
num longo, ardente, inenarravel beijo... »

Comigo eu fui, num celestial adejo,
pelo azul da ventura deslumbrante!
Hoje, espedaças a illusão restante...
Já me não amas!... bem o sei, bem vejo. »





Assim falaste. E um pensamento horrivel,
que a mente cruza e que me faz soffrer,
revelou-me a verdade inconcebivel!

Ouve, a culpa é do amor! Tu vaes saber:
—é o amor por essencia perecivel,
no momento em que nasce entra a morrer...

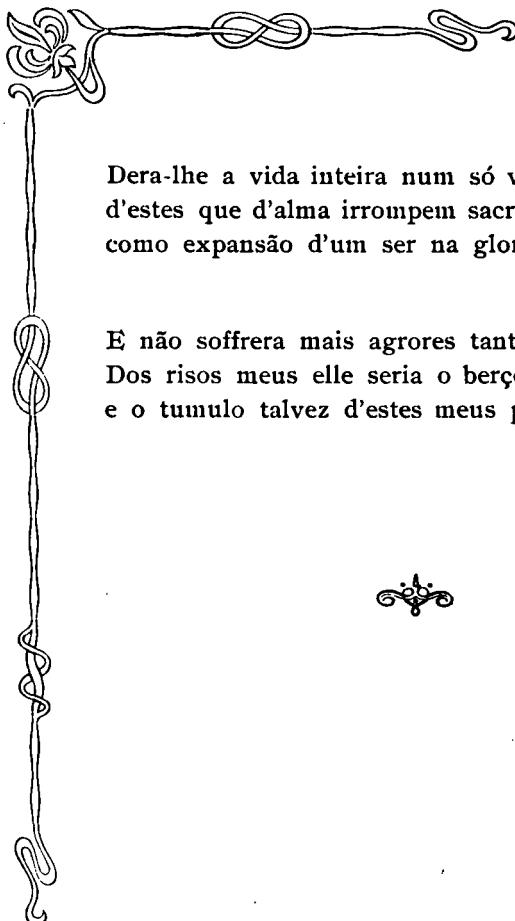
Berço e tumulo



Quizera ter na vida um seio amigo,
onde eu poísasse a fronte acabrunhada;
um seio de mulher, que dedicada
por mim velasse e fosse o meu abrigo.

E que tão puro fosse como o antigo
collo, em que tive a infancia acalentada;
tão puro e santo como a immaculada
alma, que outróra suspirou commigo!





Dera-lhe a vida inteira num só verso,
d'estes que d'alma irrompem sacrosantos,
como expansão d'um ser na gloria immerso.

E não sofrera mais agrores tantos!...
Dos risos meus elle seria o berço,
e o tumulo talvez d'estes meus prantos...



O labio

(Giovani Meli) (*)

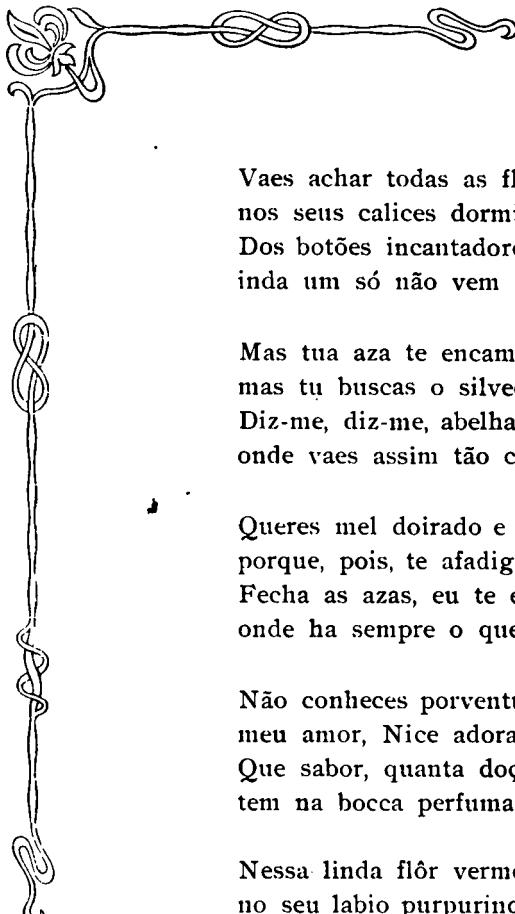


Diz-me, diz-me, abelhasinha,
onde vaes assim tão cedo?
Vê que o sol não se avizinha,
cae a nevoa no balsedo...

Brilha ainda, ainda o orvalho
tremeluz pelas ramadas:
vaes molhar, de galho em galho,
tuas azas delicadas!

(*) Da poesia em dialecto siciliano.





Vaes achar todas as flores
nos seus calices dormindo...
Dos botões incantadores
inda um só não vem abrindo !

Mas tua aza te encaminha!
mas tu buscas o silvedo !
Diz-me, diz-me, abelhasinha,
onde vaes assim tão cedo ?

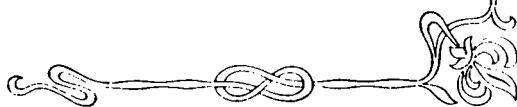
Queres mel doirado e fino ?
porque, pois, te afadigares ?
Fecha as azas, eu te ensino
onde ha sempre o que sugares.

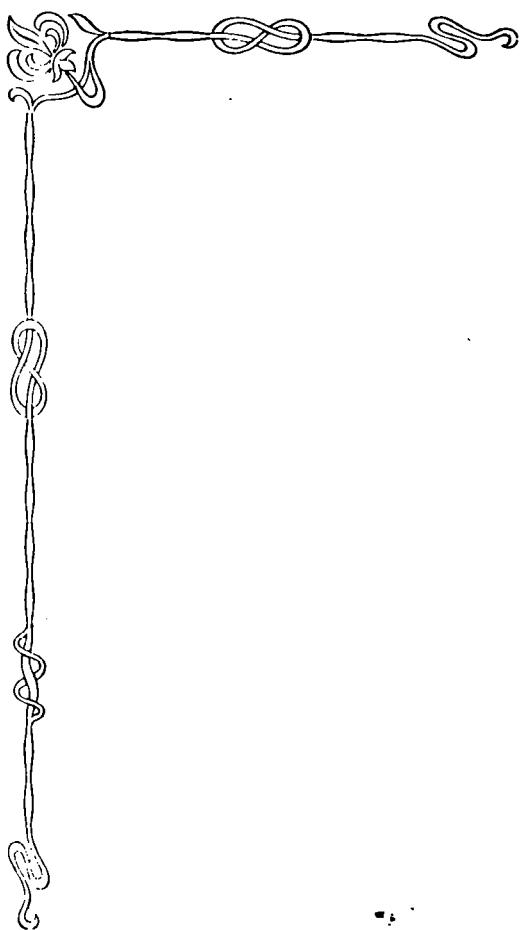
Não conheces porventura
meu amor, Nice adorada ?
Que sabor, quanta doçura
tem na bocca perfumada !

Nessa linda flôr vermelha,
no seu labio purpurino,
Suga, suga, minha abelha,
que has de achar um mel divinio !

O prazer alli se entorna,
como um vinho adocicado,
que arrebata, que transtorna,
todo o peito delicado...

Ah! melhor prazer na terra
nunca houve quem sentisse,
que sugar o mel, que encerra
nos seus labios minha Nice.



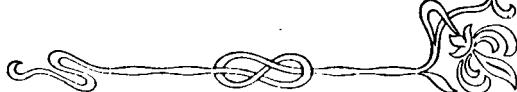


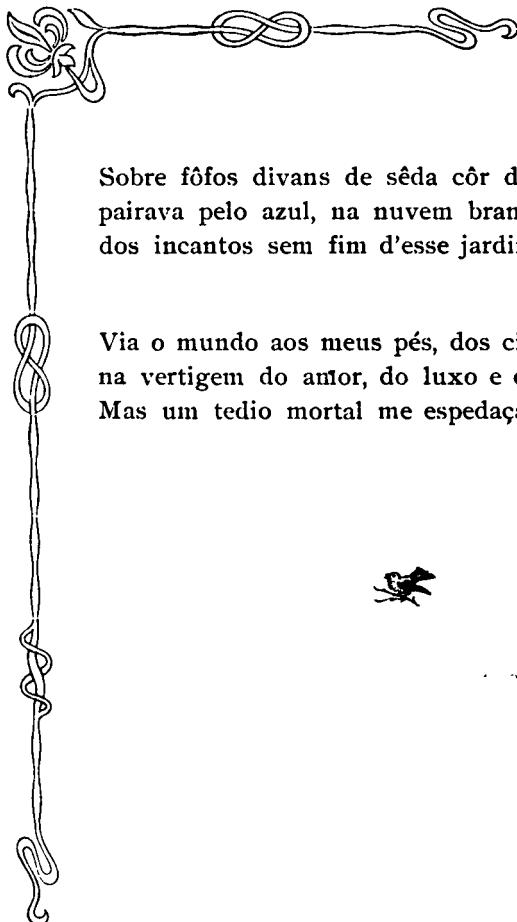
Phantasia



ordô em versos meus a eterna phantasia...
e noite, eu sonhei que me achava installado
pulencia ideal d'um palacio invejado,
flores, crystaes e luzes e harmonia...

d'um gosto estranho o leito em que eu dormia,
cortinas d'um raro, esquisito brocado!
iam servos trazer-me o banho perfumado,
chá, em taça d'ouro, um pagem me trazia!





Sobre fôfos divans de sêda côr de neve,
pairava pelo azul, na nuvem branca e leve
dos incantos sem fim d'esse jardim d'Armida . . .

Via o mundo aos meus pés, dos cimos da riqueza,
na vertigem do amor, do luxo e da grandeza! . . .
Mas um tédio mortal me espedaçava a vida . . .



Versos sinceros



Hei cantado bem alto a dolorida
magoa, que nasce de intimos tormentos ;
hei vibrado no plectro os meus lamentos,
gemidos da alma que se vê ferida !

Zombam de mim, da minha dôr sentida,
a terra e o mar, o proprio céo !... e os ventos,
implacaveis, sarcasticos, cruentos,
riem d'aquelle que não rio na vida...





Querem que o poeta occulte os dissabores,
que disfaree o seu mal, que não profira
uma queixa sequer por entre as dores!...

Mas, se eu cantar sorrindo ao som da lyra:
—sou feliz, sinto o bem, já tenho amores...
dirão que eu canto uma eternal mentira!



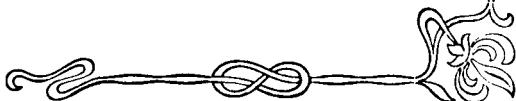
A uma orphã

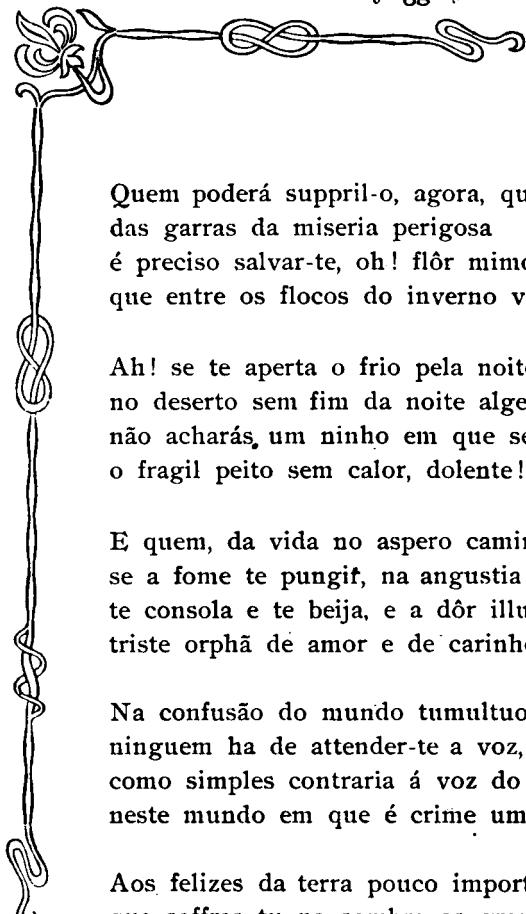


A caudal do meu pranto represada
irrompe-me dos olhos fortepiente,
se junto a mim tu vens, e tristemente
vejo-te a face pallida e magoada.

Sobre o teu peito a negra noite desce,
quando a alvorada da existencia brilha!
Não mais escutas a materna prece,
nem doce a voz que te chamava : Filha !

Roubou-te a morte, oh ! alma dolorida,
a crença, o goso, as illusões do mundo...
Porque de mãe o amor é tão profundo,
que, extinguindo-se, extingue a propria vida !





Quem poderá supril-o, agora, quando
das garras da miseria perigosa
é preciso salvar-te, oh! flôr mimosa,
que entre os flocos do inverno vens brotando ? !

Ah! se te aperta o frio pela noite,
no deserto sem fim da noite algente,
não acharás um ninho em que se acoite
o fragil peito sem calor, dolente! . . .

E quem, da vida no aspero caminho,
se a fome te pungif, na angustia rude,
te consola e te beija, e a dôr illude . . .
triste orphã de amor e de carinho ?

Na confusão do mundo tumultuoso,
ninguem ha de attender-te a voz, que passa
como simples contraria á voz do goso,
neste mundo em que é crime uma desgraça.

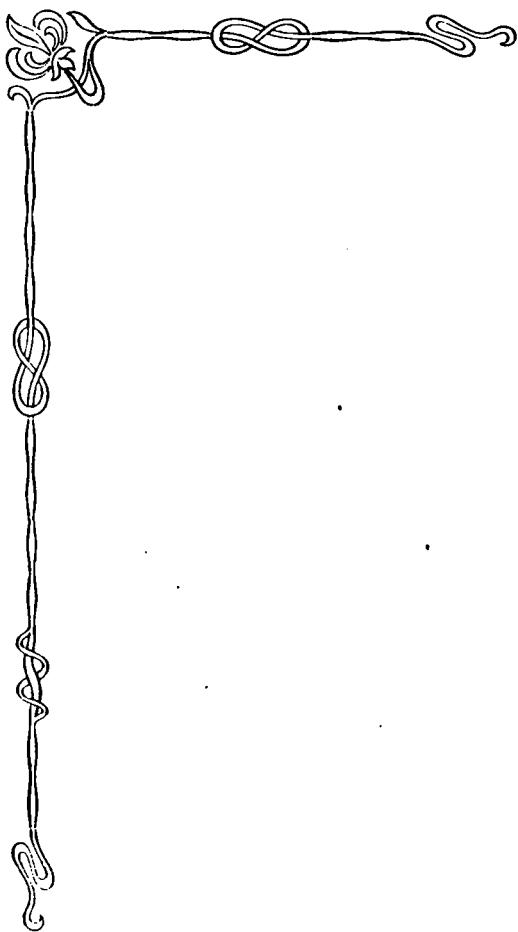
Aos felizes da terra pouco importa
que soffras tu na sombra as grandes dores:
elles passam na scena vencedores,
cada peito escondendo a alma que é morta . . .

É, entre as luctas da vida, sem o braço,
que te proteja, oh! ave abandonada,
pobre criança! em teu primeiro passo,
hão de esmagar-te no correr da estrada!

Eu te pranteio, flor, minh'alma sente
desatar-se em primores de ternura,
sempre que a dôr da tua desventura
vem ferir-me tambem pungentemente.

É a caudal d'este pranto que se alteia
a Deus, que tudovê, tude redime...
choro, lembrando a celica epopeia
do amor das mães, unico amor sublime!







O perdão

(Nuns bilhetes postaes)

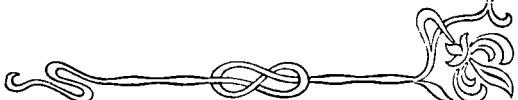


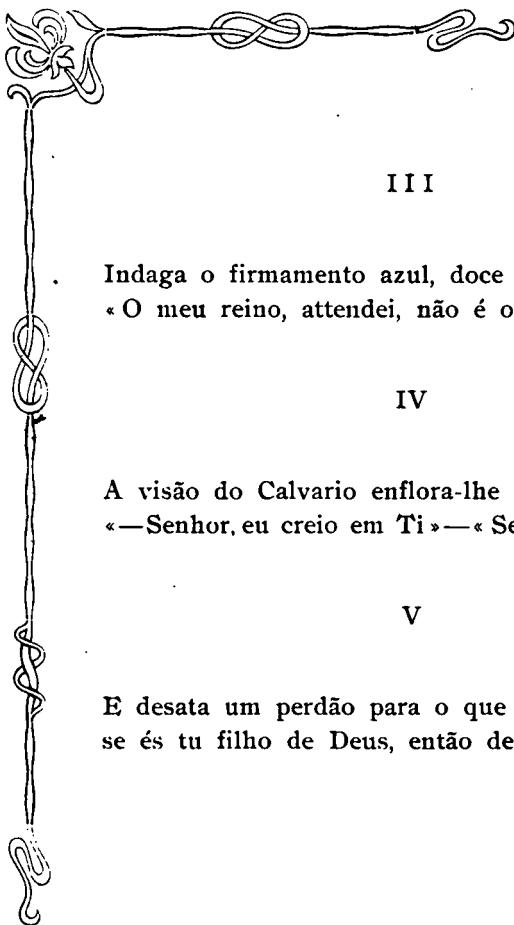
I

No casto e meigo olhar de Jesus Nazareno
se espelha o azul do céo, affavel e sereno.

II

Doira-lhe a fronte excelsa um nimbo em que fulgura
o sublime ideal do Bem e da Ternura.





III

Indaga o firmamento azul, doce e profundo:
«O meu reino, attendei, não é o d'este mundo.»

IV

A visão do Calvario enflora-lhe um sorriso:
«—Senhor, eu creio em Ti»—«Serás no Paraíso.»

V

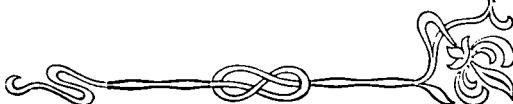
E desata um perdão para o que diz: «Jesus,
se és tu filho de Deus, então desce da Cruz....»

Dois vultos



D'esses dois vultos, que me seguem, vejo
um — bem perto de mim, o outro — afastado:
veste o primeiro um manto verdejado,
e finge, as vezes, querer dar-me um beijo.

— Vem commigo, eu te quero, eu te protejo,
(diz-me o segundo) oh! luctador cançado!
dormirás em meu collo agasalhado,
liberto enfim do terrenal desejo... —



Porque minh'alma prostra-se vencida
ante esses vultos de diverso porte,
que eu nem sei por qual d'elles me decida?

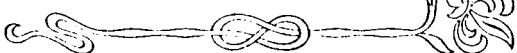
E' que, dos homens amarrado á sorte.
não desejo viver, fitando a Vida!
mas não quero morrer, fitando a Morte!

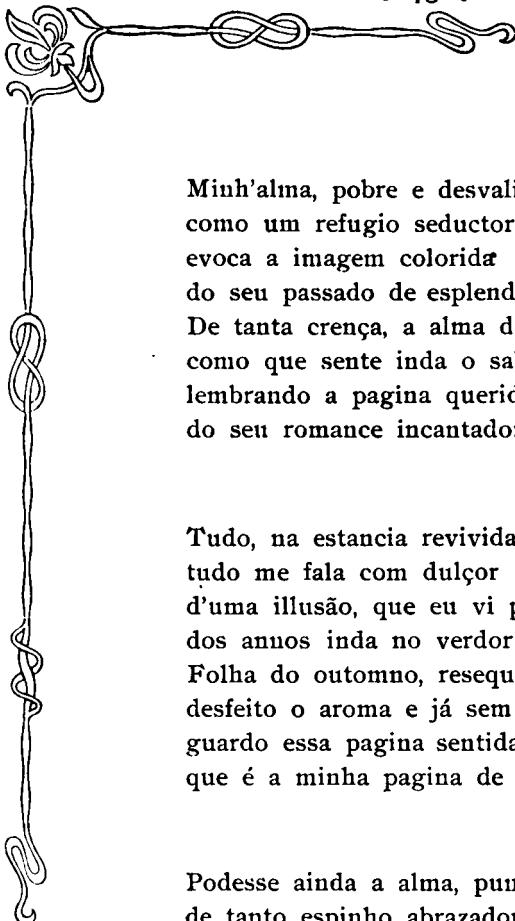


Plangencias



Recordo a pagina querida,
do meu romance incantador,
que, tantas vezes por mim lida,
conservo ainda e sei de cor...
Do tempo á furia desabrida
resiste a doce e meiga flor,
que ha de morrer com a minha vida,
por ser a pagina do amor !





Minh'alma, pobre e desvalida,
como um refugio seductor,
evoca a imagem colorida
do seu passado de esplendor.
De tanta crença, a alma descrida
como que sente inda o sabor,
lembrando a pagina querida
do seu romance encantador.

Tudo, na estancia revivida,
tudo me fala com dulçor
d'uma illusão, que eu vi perdida
dos annos inda no verdor...
Folha do outomno, resequida,
desfeito o aroma e já sem côr,
guardo essa pagina sentida,
que é a minha pagina de amor!

Podesse ainda a alma, pungida
de tanto espinho abrazador,
tornar á epocha florida
de tanto soulo enganador!...

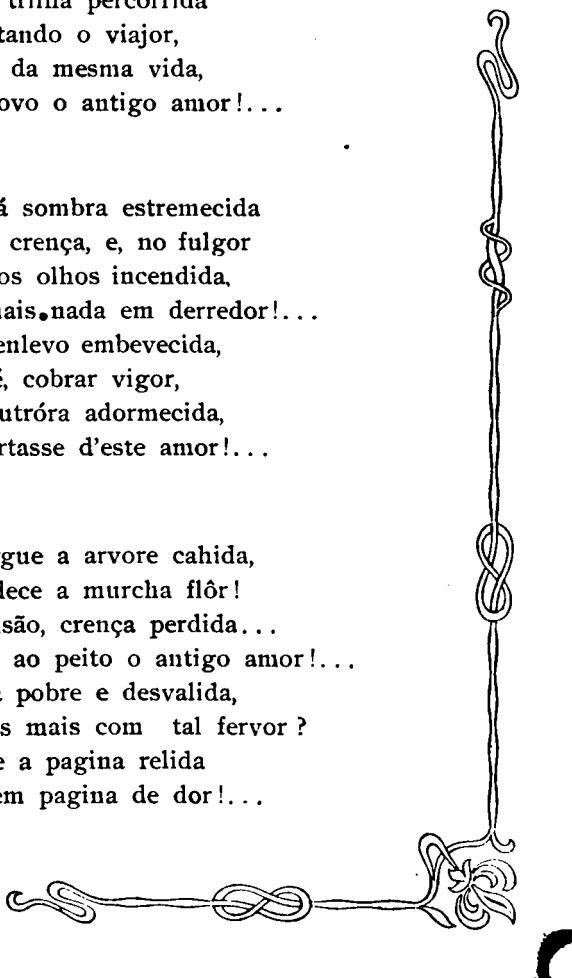
Podesse á trilha percorrida
voltar cantando o viajor,
para viver da mesma vida,
fruir de novo o antigo amor!...

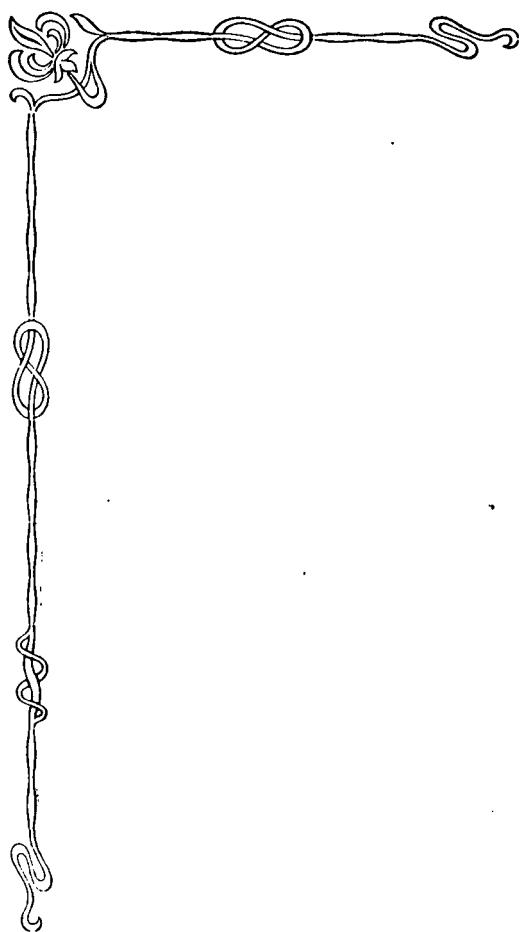
Deitar-se á sombra estremecida
da mesma crença, e, no fulgor
dos mesmos olhos incendida,
não ver mais nada em derredor!...

No doce enlevo embevecida,
sentir a fé, cobrar vigor,
e, como outróra adormecida,
não despertasse d'este amor!...

Não se ergue a arvore cahida,
não reverdece a murcha flôr!
Morta illusão, crença perdida...
Não volta ao peito o antigo amor!...

Minh'alma pobre e desvalida,
que buscas mais com tal fervor?
Vê tu que a pagina relida
se torna em pagina de dor!...







O beijo

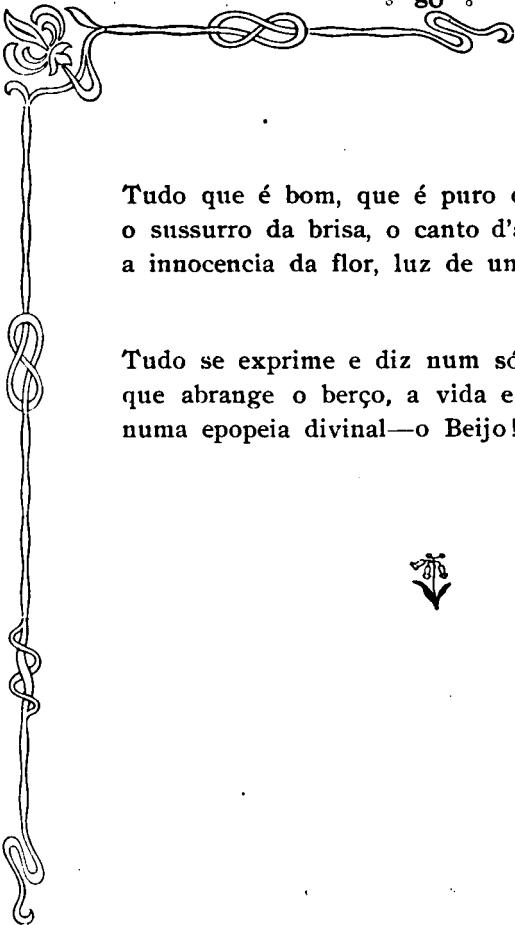
(A João Peretti)



Beijam as mães os filhos pequeninos
e beija o esposo a esposa carinhosa;
beija um raio de sol a rubra rosa,
e as auras beijam ninhos columbinos.

Beijam corpetes seios peregrinos,
e beija o luar a nuvem vaporosa;
a praia beija a vaga voluptuosa,
beijam o prado os cactos purpurinos





Tudo que é bom, que é puro e que é suave,
o sussurro da brisa, o canto d'ave,
a innocencia da flor, luz de uni desejo,

Tudo se exprime e diz num só transporte,
que abrange o berço, a vida e a propria morte
numa epopeia divinal—o Beijo!



Soneto

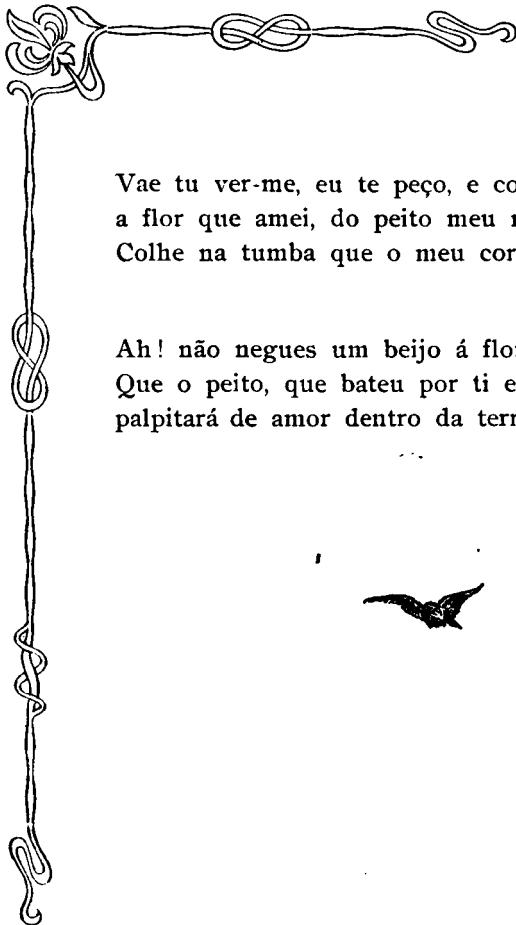
(Stecchetti)



Eu morrerei: o tempo não se altera,
e vem chegando a minha tarde mesta!
Já vejo a tumba escancarada, á espera
do corpo meu, que a devorar se apresta.

Quando tudo voltar com a primavera,
só eu não voltarei! Sobre a modesta
cova, onde a carne se transforma em hera,
a mangerona crescerá em festa...





Vae tu ver-me, eu te peço, e commovida,
a flor que amei, do peito meu nutrida,
Colhe na tumba que o meu corpo encerra.

Ah! não negues um beijo á flor colhida!
Que o peito, que bateu por ti em vida,
palpitará de amor dentro da terra.



No meio das arvores

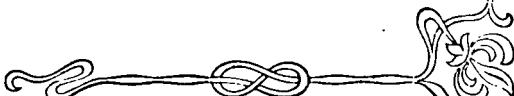
(A meus irmãos).

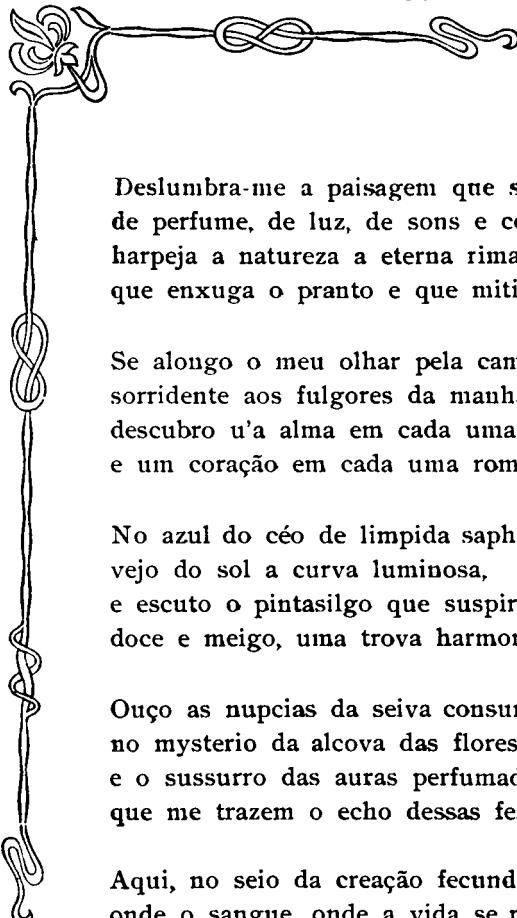


No meio destas arvores amigas,
a cuja sombra em tempos me acolhi,
recordo agora as impressões antigas,
adoradas ficções de que vivi !

Tudo em torno me lembra a doce estancia
dos passados bucolicos amores...
a donosa visão da minha infancia
como que surge aqui por entre as flôres !

O rio, o valle, e a cordilheira immensa
que além se estende e que a planicie corta,
já não podem me dar a mesma crença,
mas me fazem rever a crença morta.





Deslunibra-me a paisagem que se anima
de perfume, de luz, de sons e côres...
harpeja a natureza a eterna rima,
que enxuga o pranto e que mitiga as dôres!

Se alongo o meu olhar pela campina,
soridente aos fulgores da manhã,
descubro u'a alma em cada uma bonina,
e um coração em cada uma romã!

No azul do céo de limpida saphira
vejo do sol a curva luminosa,
e escuto o pintasilgo que suspira,
doce e meigo, uma trova harmoniosa.

Ouço as nupcias da seiva consummadas
no mysterio da alcova das florestas,
e o sussurro das auras perfumadas,
que me trazem o echo dessas festas...

Aqui, no seio da creaçao fecunda,
onde o sangue, onde a vida se renova,
tambem minh'alma de prazer se inunda,
e, como a ave, canta a sua trova.

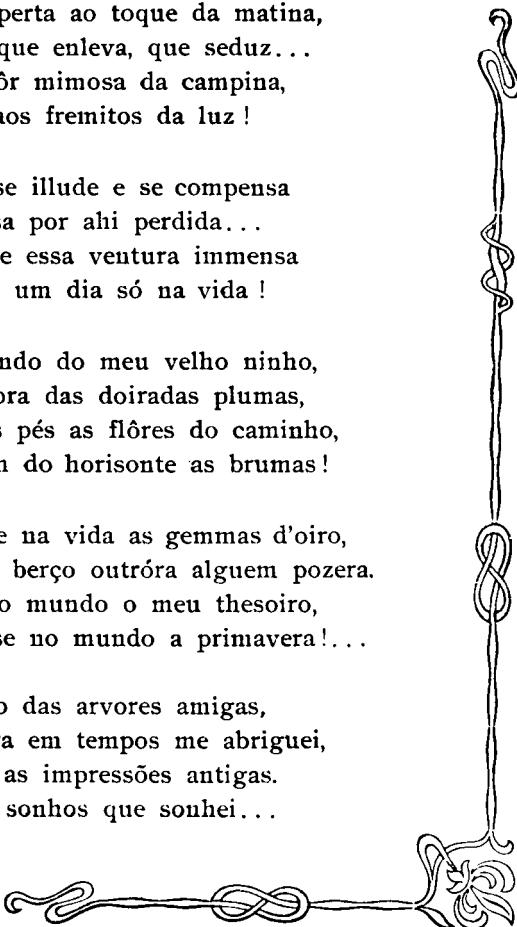
Tambem desperta ao toque da matina,
da alvorada que enleva, que seduz...
e, como a flôr mimosa da campina,
se revigora aos fremitos da luz !

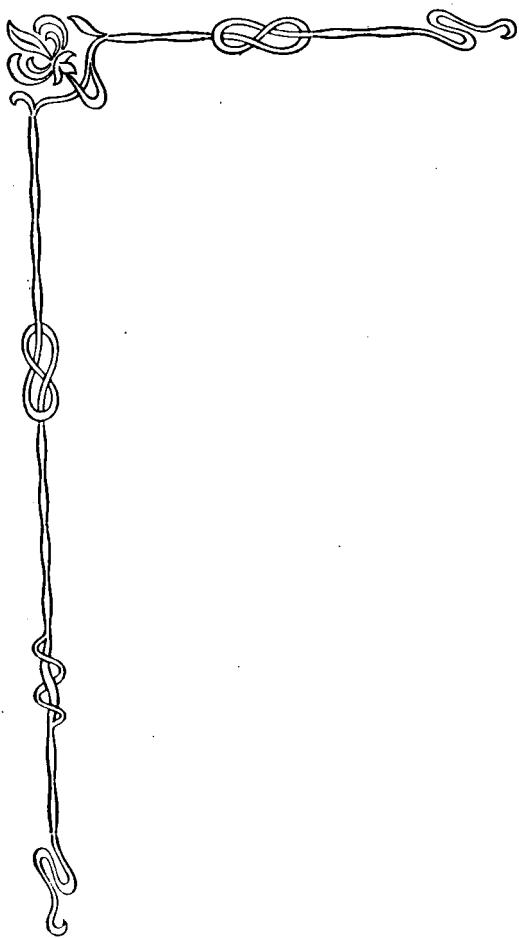
Já de novo se illude e se compensa
de tanta coisa por ahi perdida...
e já não pede essa ventura immensa
de ser alegre um dia só na vida !

A' paz tornando do meu velho ninho,
desrido embora das doiradas plumas,
beijam-me os pés as flôres do caminho,
e se dissipam do horisonte as brumas !

Roubaram-me na vida as gemmas d'ouro,
que junto ao berço outróra alguem pozera.
Derramei pelo mundo o meu thesoiro,
sem que visse no mundo a primavera !...

Mas, no meio das arvores amigas,
a cuja sombra em tempos me abriguei,
revivo ainda as impressões antigas.
consoladores sonhos que souhei...



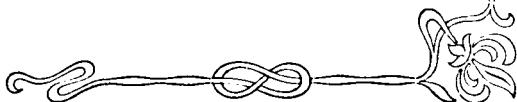


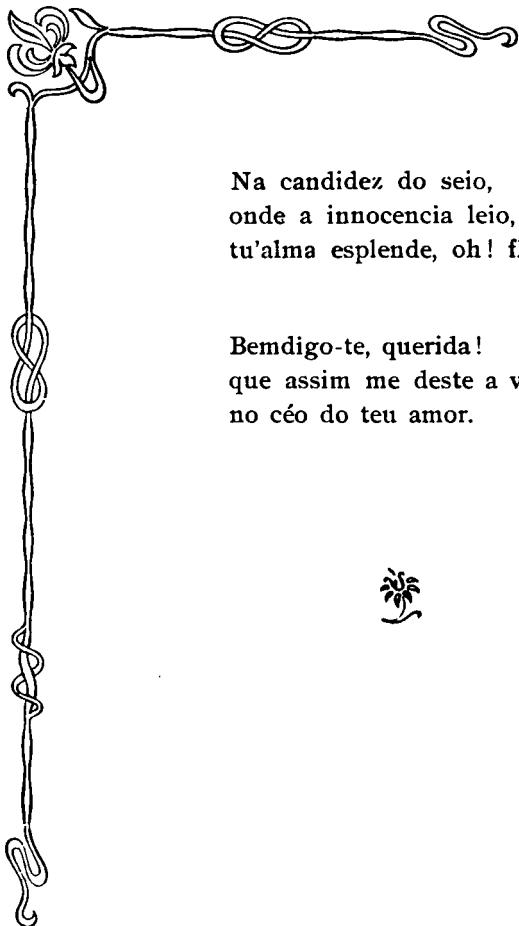
Salvação



Tu para mim sorriste,
e foi-me o teu sorriso
a luz d'um paraizo,
que ao peccador abriste...

Sobre o meu ser cahiste,
oh! perola d'um riso,
astro que enfim diviso,
doirando a noite triste!





Na candidez do seio,
onde a innocencia leio,
tu'alma esplende, oh! flôr!

Bemdigo-te, querida!
que assim me deste a vida...
no céo do teu amor.

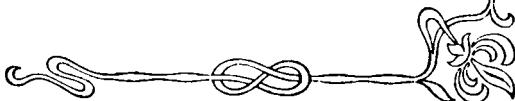


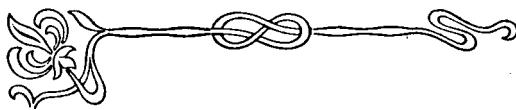
Devaneio



Cuido-me a sós contigo, longamente...
numa estancia de amor e de poesia,
onde gemem cascatas noite e dia,
e as flores abrem no terraço olente...

Do céo na fina gaze transparente
branqueja a lua em noites de harmonia!
Paire em torno de nós a melodia
das languidas sonatas do Oriente...





E enquanto eu, entre aromas deleitosos,
na branca vaga dos sonhados gosos,
absorto em scismas, me arrebato assim...

Tu, minha noiva, cantas com doçura
essas trovas sublimes de ternura
d'umas lendas de amor, que não têm fim...



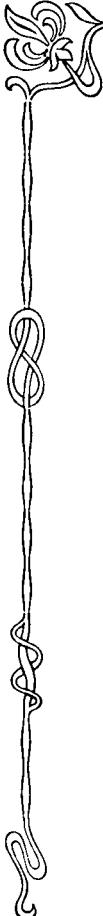
A bordo



Em pleno mar ! Aqui se a vaga estoira,
se de colera espuma e se esbraveja,
doira-me a fronte o sol que as aguas doira,
beija-me a face o luar que as aguas beija.

Aqui não ruge a raiva dos perversos,
não medra a inveja ou o tédio dos tristonhos.
Podem ser grandes como o mar meus versos,
podem ser puros como o céo meus sonhos.





O mar suggere novos sentimentos,
desperta o céo aspirações ignotas...
Que doce ouvir a musica dos ventos
lançando na amplidão queixosas notas!

Quero aquecer-me á luz do sol nascente,
que vem de longe, das cerúleas plagas...
Quero banhar-me nesse luar dolente,
que á noite veste de setim as vagas...



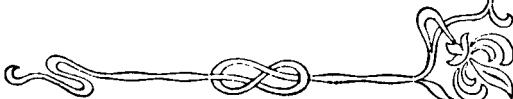
Mysteriosa

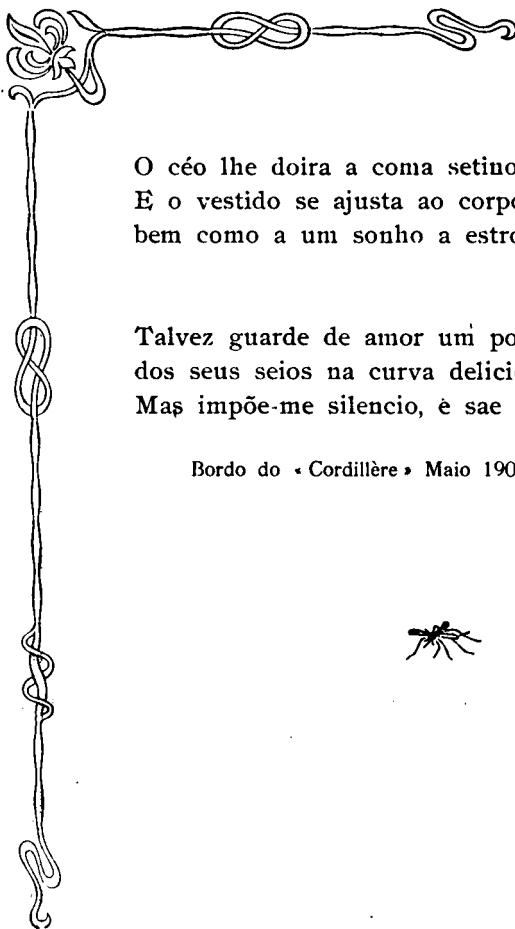
(A Jodo Alves Pontual)



A' tarde, quando o sol frouxo desmaia,
e as vagas morrem num langor silente,
ella sobe ao convez, graciosamente
mostrando a fimbria da custosa saia.

Antes que a luz pela amplidão se esvaia,
contempla taciturna o mar plangente...
E expira na minh'alma o olhar dolente,
tal como a onda vae morrer na praia.





O céo lhe doira a coma setinosa.
E o vestido se ajusta ao corpo lindo,
bem como a um sonho a estrophe harmoniosa.

Talvez guarde de amor um poema infindo
dos seus seios na curva deliciosa...
Mas impõe-me silencio, é sae sorrindo!

Bordo do «Cordillère» Maio 1905.





Tristão e Isolde

(A Anselmo Peretti.)



I

Bebem juntos, em vez d'acre veneno,
doce philtro de amor na mesma taça.
E' branda a viração; o mar sereno;
rolam as vagas e o navio passa...

Um marinheiro canta, e o canto ameno,
vindo do mastro, que o marujo abraça,
ouve-se ao longe, qual magoado threno,
que á voz dos ventos na amplidão se enlaça.



E os dois, no entanto, isolam-se extasiados
na alegria sem fim dos namorados,
que se beijam, se abraçam sem temor...

Deslisa o barco sobre as mansas agoas;
que o marujo descante as suas magoas...
— Tristão e Isolde embalam-se no Amor!

II

Um tumulto, um clamor, um som ruidoso,
cantos de festa e gritos delirantes...
eis o porto! e de Marcke victorioso
as incantadas terras verdejantes.

Eil-o que chega, o rei, de Isolde o esposo,
e redobram os canticos triumphantes...
Oh! despertar fatal e doloroso
d'um sonho incantador de dois amantes!

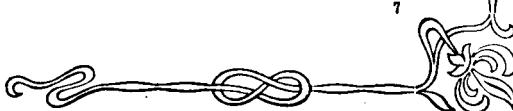
Brusca intrusão da amarga realidade
nos enlevos do amor!... Fatalidade,
que, d'um golpe, arrebenta estreitos laços!...

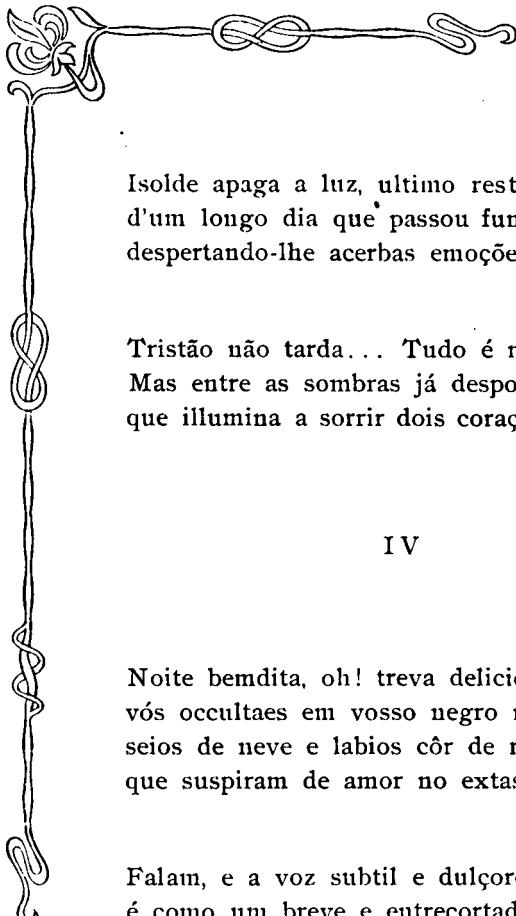
Menos sinistro é o dobre da agonia,
que esse canto festivo, essa alegria,
repercutindo, atroz, pelos espaços!

III

Agora é a Noite. E foi bem longo o dia,
que a separa dos braços de Tristão!
Por detraz da altaneira serrania
sumio-se ha muito o ultimo clarão.

Caça o rei na floresta erma e sombria;
quebram sons de buzina a solidão...
e das moitas por entre a ramaria,
mal se escuta o rumor da viração.





Isolde apaga a luz, ultimo resto
d'um longo dia que passou funesto,
despertando-lhe acerbas emoções !

Tristão não tarda... Tudo é noite agora !
Mas entre as sombras já desponta a aurora,
que illumina a sorrir dois corações...

IV

Noite bendita, oh ! treva deliciosa,
vós occultae em vosso negro manto
seios de neve e labios côr de rosa,
que suspiram de amor no extase santo !

Falam, e a voz subtil e dulcorosa
é como um breve e entrecortado canto,
em que se ouvisse a nota languorosa
dos arroubos vibrar cheia de incanto.

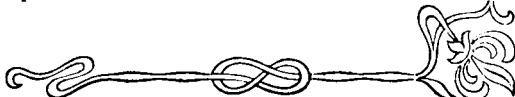
Enlevados repetem longamente
seus proprios nomes, harmoniosamente
suspirados assim como um só nome:

Tristão—Isolde!... e nada mais proferem...
Oh! requintes pueris, que as almas ferem,
d'um louco amor que a posse não consome!

V

Por entre os devaneios da ventura,
longe da luz, da vida mentirosa,
rolam os dois na profundeza escura
da desejada noite silenciosa.

— « No paiz de Tristão luz não fulgura:
a Noite é a irmã de Minne, a voluptuosa
Deusa do Amor!... Isolde, bella e pura,
queres tu ver a patria tenebrosa?— »





Como do asceta a alma dolorida,
que quer que se derrame a sua vida
nos abysmos sem fim do grande Nada,

Elles se abysmam, docemente unidos,
na alma commum, universal... perdidos
no Nirvana do amor, a patria amada!

VI

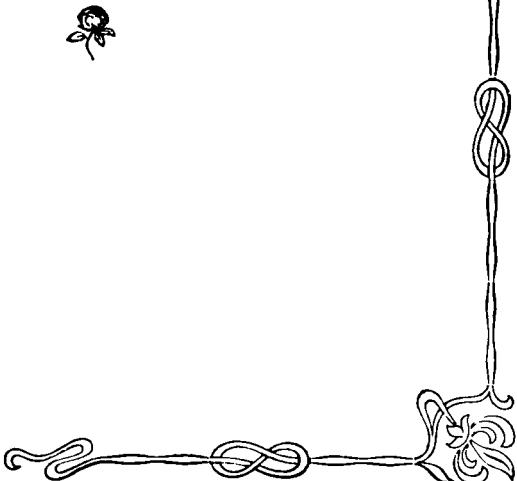
Muito longe se isola a casa desolada,
onde dorme Tristão, ferido mortalmente,
a flauta d'um pastor accorda-o, e, brandamen
de Kurwenal lhe diz a amiga voz pausada:

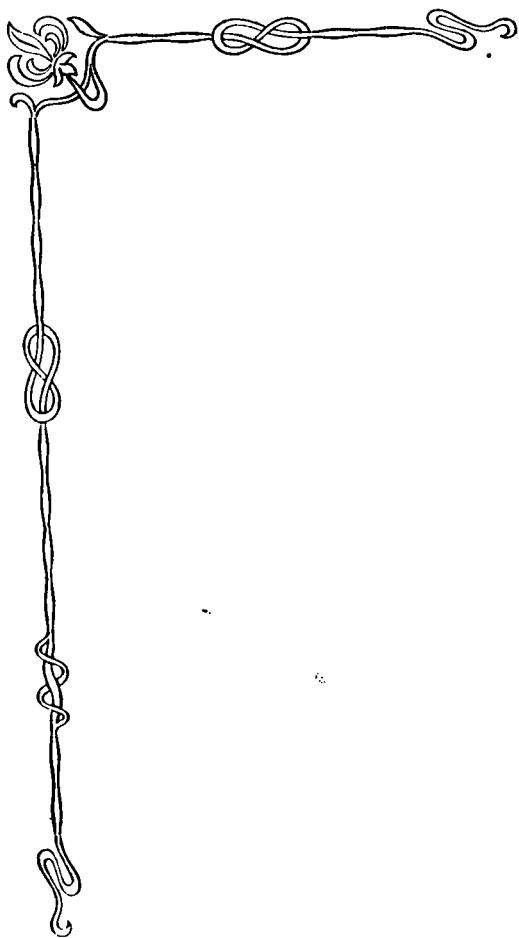
—Coragem, mestre, em breve a tua doce ar
virá sobre um navio, esbelta e soridente! —
—Ah! que ella me appareça! oh! velho mar, cons
que me traga o navio a gloria suspirada! —

E um barco surge além... Mas quando soluçante,
quasi louca de amor, ella procura o amante,
eil-o que é morto já, nas portas da ventura!...

Sobre o seu corpo então, extatica, inconsciente,
Isolde, sem chorar, succumbe docemente,
cantando um hymno excelso á Noite eterna e pura ...

Paris — 1905.



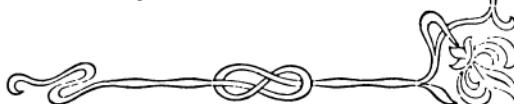


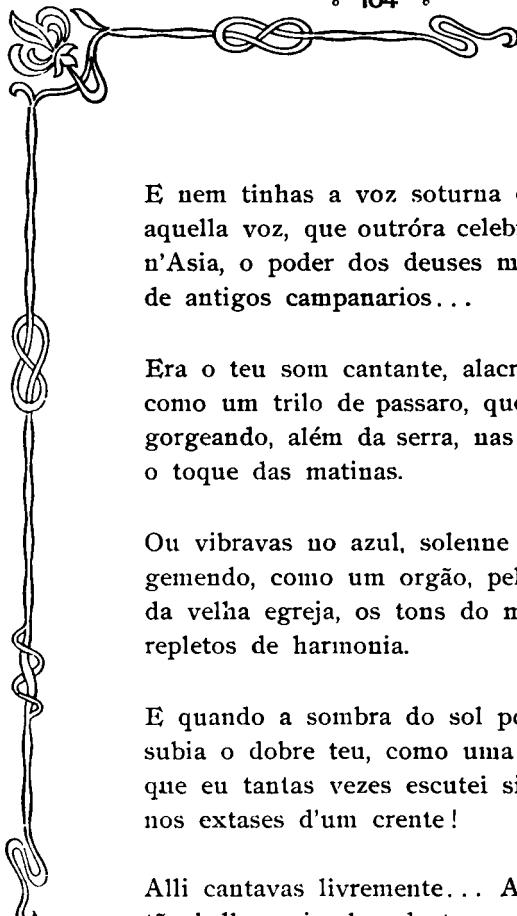
Recordaçõ



Sino da mi... ...mo sino,
que ouvi cantar quando era pequenino,
na branca torre da vetusta igreja,
que uma andorinha beija!

Não era igual teu canto ao som pausado,
que acompanhava o culto festejado
d'Isis, nos templos colossaes do Egypto,
saudando o eterno Mytho.





E nem tinhas a voz soturna e cava,
aquelle voz, que outróra celebrava,
n'Asia, o poder dos deuses millenarios,
de antigos campanarios...

Era o teu som cantante, alacre, doce,
como um trilo de passaro, que fosse
gorgeando, além da serra, nas campinas,
o toque das matinas.

Ou vibravas no azul, solenne e grave,
gemendo, como um orgão, pela nave
da velha egreja, os tons do meio dia,
repletos de harmonia.

E quando a sombra do sol posto desce,
subia o dobre teu, como uma prece,
que eu tantas vezes escutei silente,
nos extases d'um crente !

Alli cantavas livremente... A aldeia,
tão bella e simples, de ternura cheia,
na clamyde das graças se involvia,
quando esse canto ouvia.

Quebrava-se o teu echo pelos montes,
e a tua voz se unia á voz das fontes,
que borbotam do ámago da serra,
matando a sêde á terra.

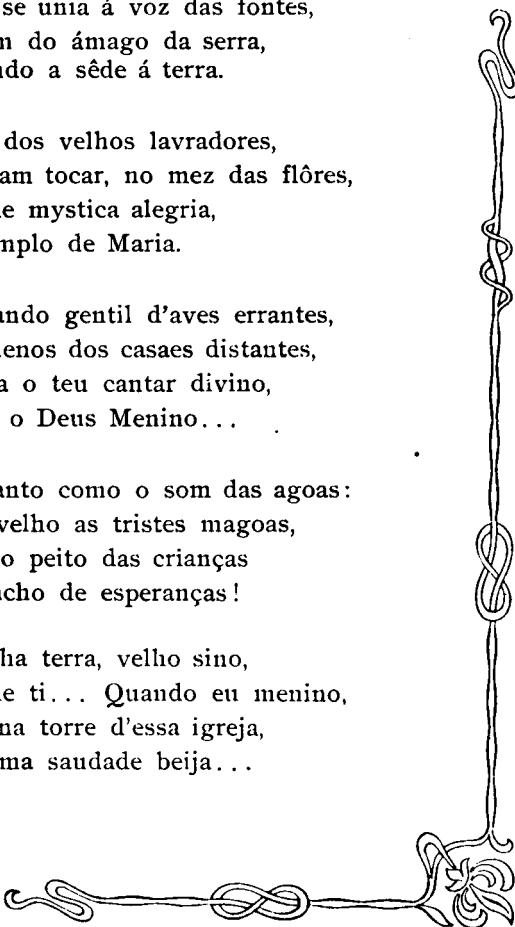
Os corações dos velhos lavradores,
que te ouviram tocar, no mez das flôres,
palpitavam de mystica alegria,
no templo de Maria.

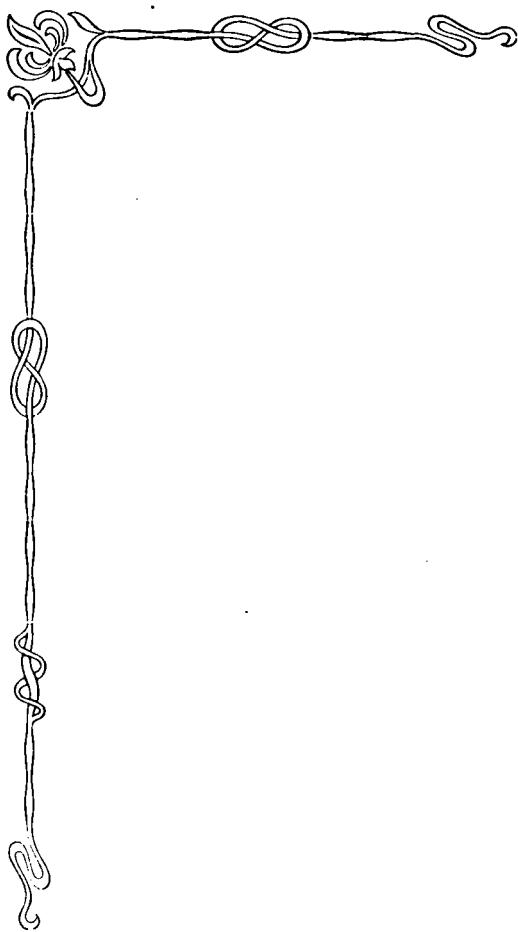
Como um bando gentil d'aves errantes,
vinham pequenos dos casaes distantes,
onde chegava o teu cantar divino,
beijar o Deus Menino...

Era o teu canto como o som das agoas:
apagava do velho as tristes magoas,
e accendia no peito das crianças
um facho de esperanças!

Sino da minha terra, velho sino,
recordo-me de ti... Quando eu menino,
tu cantavas na torre d'essa igreja,
que uma saudade beija...

Paris — 1905.





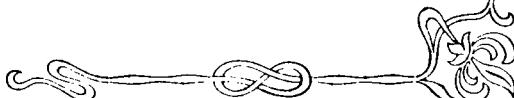
No Bosque

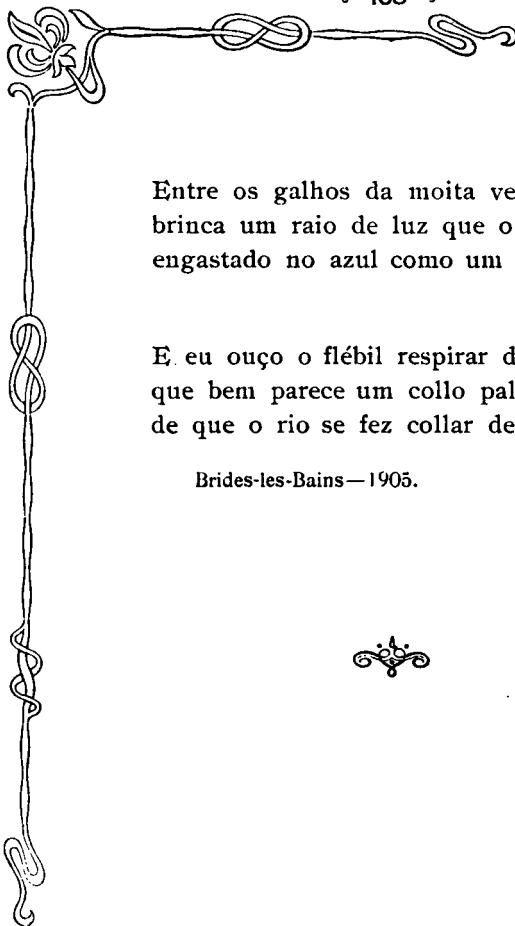
(A Annibal Freire)



Aqui, na verde sombra do arvoredo,
á grata voz da múrmura corrente,
sinto minh'alma abrir-se docemente,
como as flores mimosas do silvedo.

Cantam aves tão lindas no balsedo,
e ha tanto ninho tépido e contente!...
beija a orla dos bosques a torrente,
que desce além, dos cimos do rochedo.





Entre os galhos da moita verdejante
brinca um raio de luz que o sol desata,
engastado no azul como um diamante.

E eu ouço o flébil respirar da mata,
que bem parece um collo palpante,
de que o rio se fez collar de prata.

Brides-les-Bains — 1905.

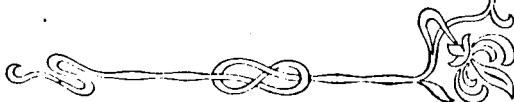


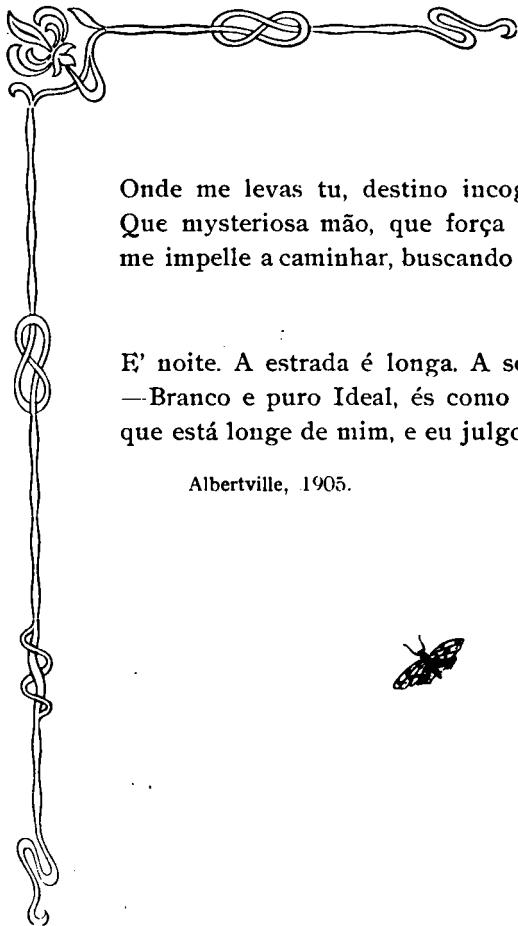
Lenginquo poiso



Marcho como o viajor, que, timido e sozinho,
cuida ver pela estrada, em noite tenebrosa,
d'um salteador audaz a sombra perigosa,
surgir-lhe, a cada passo, á beira do caminho.

Fica longe, bem longe, o suspirado ninho
da ventura e da paz!... A estrada pedregosa
dilacera-me os pés; e a noite silenciosa
me faz entontecer, como um funesto vinho.





Onde me levas tu, destino incognoscivel ?
Que mysteriosa mão, que força inconcebivel
me impelle a caminhar, buscando o poiso incerto ? !

E' noite. A estrada é longa. A solidão me aterra...
— Branco e puro Ideal, és como a altiva serra,
que está longe de mim, e eu julgo vêr tão perto ! ...

Albertville, 1905.

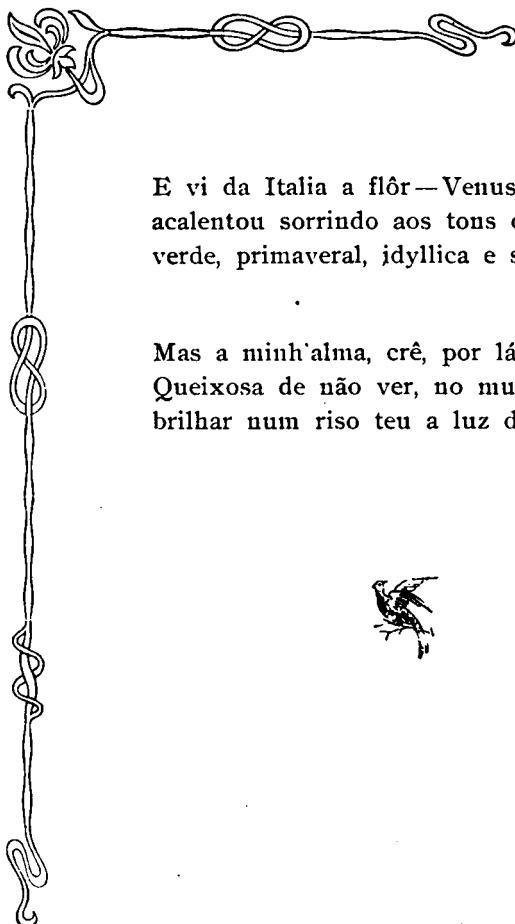
De volta



Sim! eu vi, meu amor, cidades primorosas,
palacios e museus, theatros, monumentos,
onde a fonte encontrei dos lêdos pensamentos,
numa nuvem azul de coisas deliciosas...

Mulheres divinaes, mais bellas do que as rosas,
vi passarem por mim, aos olhos meus sedentos
ostentando, atravez dos trajos opulentos,
a opulencia sem par das formas voluptuosas...





E vi da Italia a flôr—Venus que o poeta um d
acalentou sorrindo aos tons d'uma ballada,
verde, primaveral, jdyllica e sadia...

Mas a minh'alma, crê, por lá viveu magoada!..
Queixosa de não ver, no mundo que ella via,
brilhar num riso teu a luz d'uma alvorada!

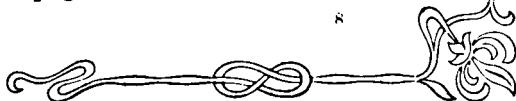


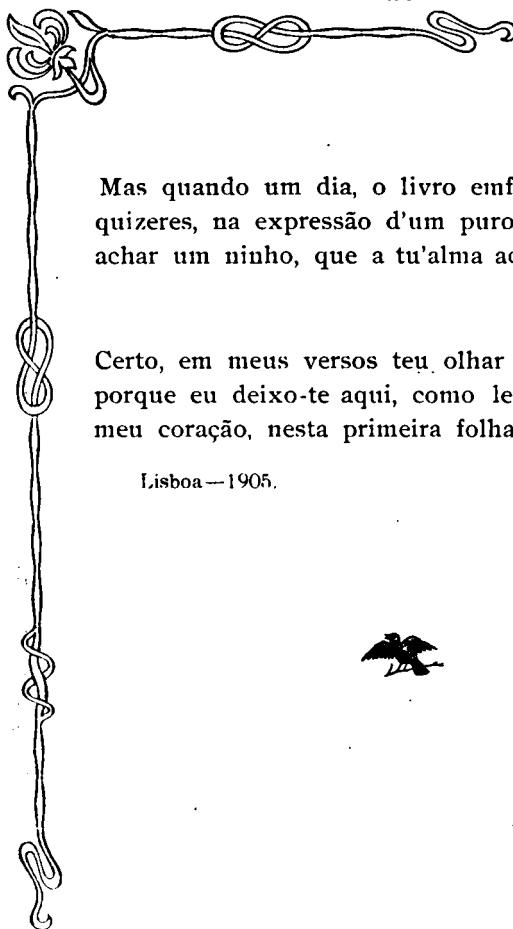
No album de Olga



Do teu album nas folhas perfumadas,
breve, um grupo de artistas peregrinos
virá *compor os seus trabalhos finos,
custosas obras d'arte buriladas...

E ante o brilho das pedras lapidadas,
com reflexos azuis e diamantinos,
bem sei que estes meus versos pequeninos
morrerão entre as paginas doiradas!





Mas quando um dia, o livro enfim completo,
quizeres, na expressão d'um puro affecto,
achar um ninho, que a tu'alma acolha,

Certo, em meus versos teu olhar descança:
porque eu deixo-te aqui, como lembrança,
meu coração, nesta primeira folha.

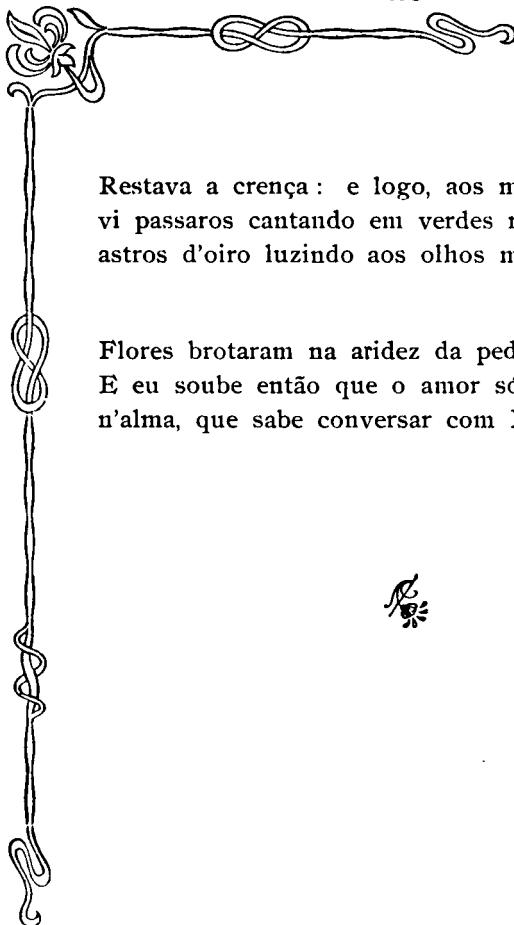
Lisboa — 1905.



A Crença

Assás pungio-me o esforço da jornada,
n'ancia de achar um veio d'agua puro,
que borbotasse á margem d'essa estrada,
rispida e longa, a estrada do futuro.

Pelo caminho, a fronte requeimada,
tropeçando nas sombras mal seguro,
muita illusão depressa eu vi crestada,
muito sonho perdido em ermo escuro.



Restava a crença : e logo, aos meus reclamos,
vi passaros cantando em verdes ramos,
astros d'ouro luzindo aos olhos meus.

Flores brotaram na aridez da pedra !
E eu soube então que o amor só nasce e medra
n'alma, que sabe conversar com Deus...



8

Olhar divino

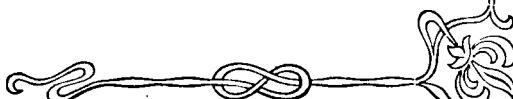
*Un regard enivrant de l'immortel amour,
dernier rayon divin tombé sur la nature...*

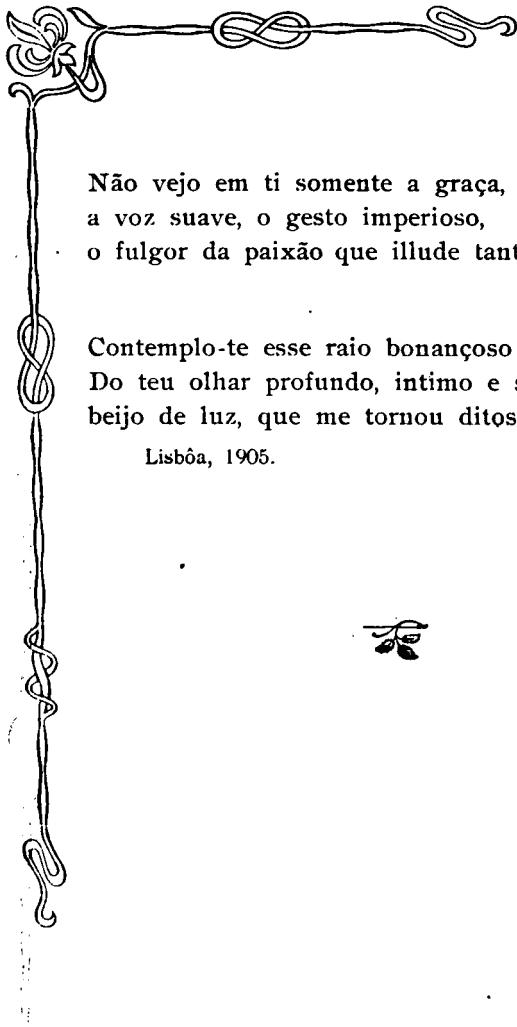
L. DE LISLE.



Tem a forma a palmeira, o cysne a alvura,
gorgeoio a ave, mocidade a rosa;
mas a bellesa, que sorri gloriosa,
só nos teus olhos, meu amor, fulgura !

O teu olhar de mystica ternura
desceu á minha magoa silenciosa,
e um outro amor mais doce, n'alma anciosa,
nasceu do amor da tua formosura.





Não vejo em ti somente a graça, o encanto,
a voz suave, o gesto imperioso,
o fulgor da paixão que illude tanto...

Contemplo-te esse raio bonançoso
Do teu olhar profundo, íntimo e santo,
beijo de luz, que me tornou ditoso!

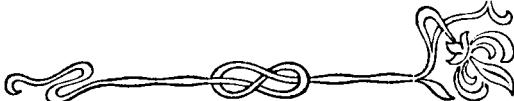
Lisbôa, 1905.

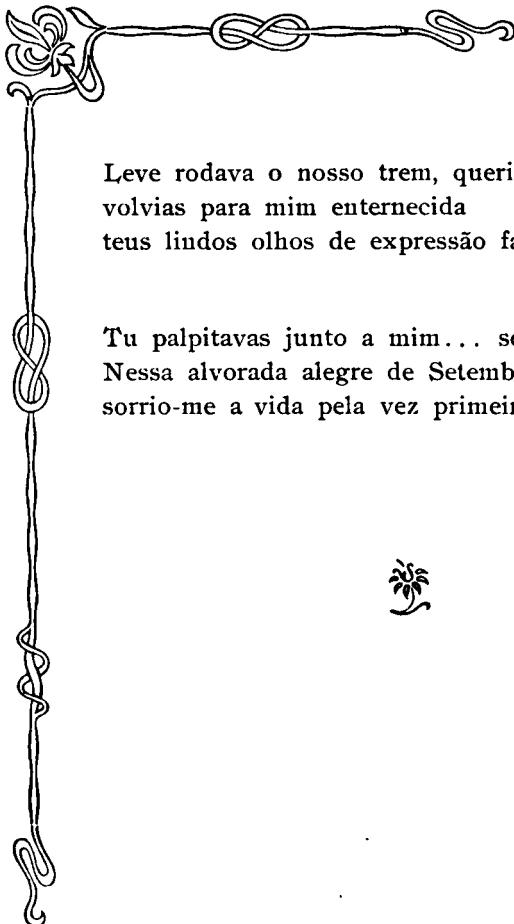
Saudades de Cintra



Partimos quando as aves á porfia
já trinavam na orla dos caminhos.
A chamma rubra, que do sol descia,
Doirava os prados e beijava os ninhos.

Esgarçava-se tenue o véo de arminhos,
que os altos montes para além cobria.
E o céo mandava á terra os seus carinhos
na doce festa do romper do dia.





Leve rodava o nosso trem, querida:
volvias para mim enternecidamente
lindos olhos de expressão fagueira...

Tu palpitas junto a mim... se lembro!...
Nessa alvorada alegre de Setembro
sorrio-me a vida pela vez primeira!...

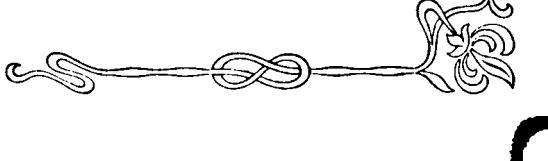


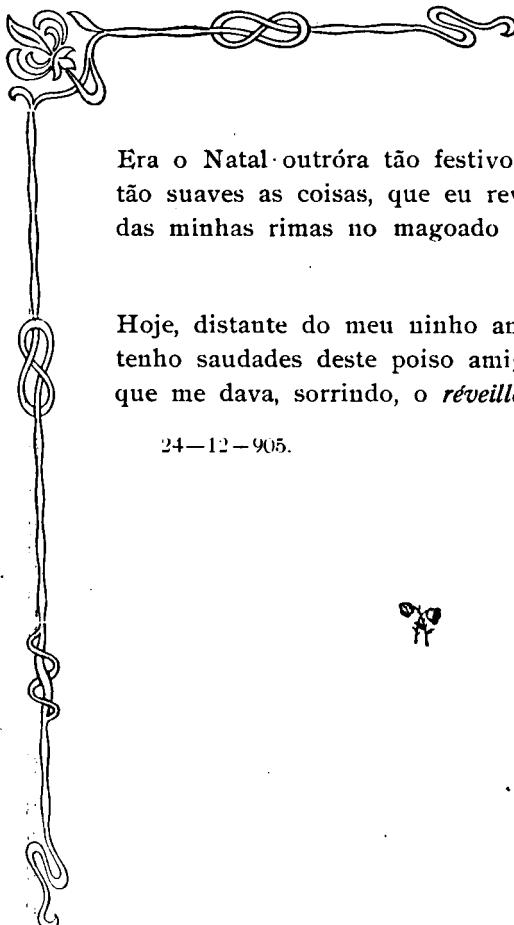
Réveillon



Este Natal, que passa tristemente,
derramando impressões de nostalgia,
ninguem sabe em que mystica poesia
já minh'alma involveu ditosa e crente!

Ninguem sabe o perfume transcendente,
que esta Noite de Festas rescendia,
quando do céo a candida alegria
vinha a face beijar-me docemente...





Era o Natal outróra tão festivo,
tão suaves as coisas, que eu revivo
das minhas rimas no magoado tom!

Hoje, distante do meu ninho antigo,
tenho saudades deste poiso amigo,
que me dava, sorrindo, o *réveillon*...

24-12-905.





Primeiras aguas

A Alfredo de Carvalho.



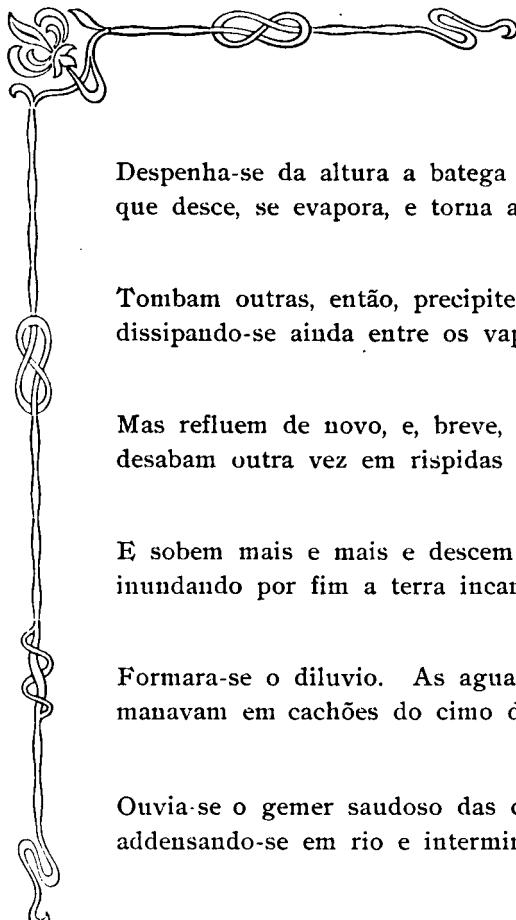
Quando a chuva cessou, pela manhã radios,
a campina ostentava a tunica verdosa.

Na vespera, ao cahir da tarde somnolenta,
rebombara o trovão, anunciando a tormenta.

Nuvens de uma só cor, pesadas, volumosas,
estacavam no céo, quaes serras alterosas.

E eis que fulge um clarão, de momento a momento :
relampagos cortando o negro firmamento.





Despenha-se da altura a batega primeira,
que desce, se evapora, e torna atraç ligeira.

Tombam outras, então, precipites, frequentes,
dissipando-se ainda entre os vapores quentes.

Mas refluem de novo, e, breve, condensadas,
desabam outra vez em rispidas pancadas.

E sobem mais e mais e descem velozmente,
inundando por fim a terra incandescente !

Formara-se o diluvio. As águas superpostas
manavam em cachões do cimo das encostas.

Ouvia-se o gemer saudoso das cachoeiras,
addensando-se em rio e interminas ribeiras.

Soberba a correnteza erguia nos seus braços
a ramagem caída, os galhos em pedaços.

lo aqui e alli, em ondas impetuosas,
orrer distante as aguas tenebrosas.

um sol formoso e rutilo irradia :
spaço ha uns tons de limpida harmonia;

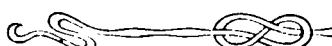
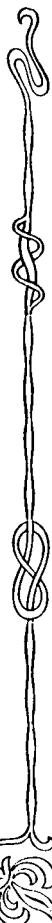
oce palpitar de azas ligeiras, bando
que vêm de longe os ninhos seus buscando.

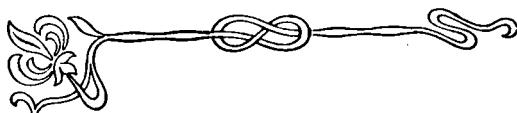
se o matiz da purpura das flores ;
o cham á luz grinaldas multicores.

je em toda a parte a flora verdejante,
ramos cantando um hymno triumphante !

escem outra vez os velhos umbuzeiros,
o seio amigo ao rancho dos campeiros.

um no declive, em floridas camadas,
tas do alecrim de formas delicadas.





A' margem da corrente as altas baraúñas
brotam cachos de flor, ao canto das c'raúñas.

Suspira no balsedo a voz da seriema ;
e os ares embalsama o cheiro da jurema...

.....
.....

Deslembrado, feliz, da magoa e dos pezares,
remigra o sertanejo aos seus antigos lares.



As perolas

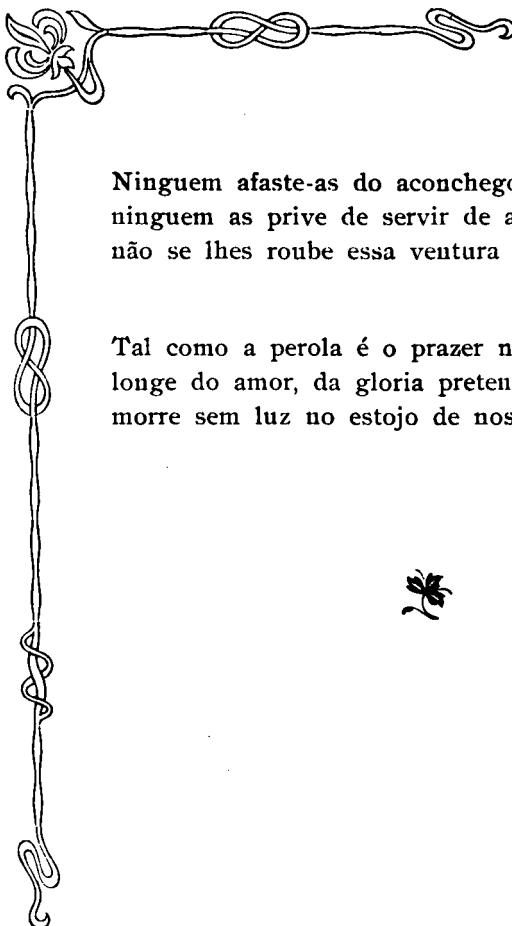
(No album de Arthur Muniz)



Ouvi dizer que as perolas cravadas
nos braceletes, num collar fulgente,
perdem o brilho e morrem lentamente,
quando não são por muito tempo usadas.

Dos braços nus, do collo separadas,
sem o calor da carne lactescente,
ellas morrem de frio tristemente,
nas caixas de velludo enclausradas.





Ninguem afaste-as do aconchego morno,
ninguem as prive de servir de adorno,
não se lhes roube essa ventura calma.

Tal como a perola é o prazer na vida:
longe do amor, da gloria pretendida,
morre sem luz no estojo de noss'alma !



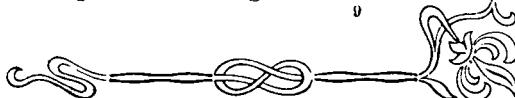
Paraphrase

(Ary Renan)



Sinto ás vezes brotar-me a nostalgia
de terras ideaes que eu vi sonhando,
e creio, em meu sonhar, que vou tornando
os tempos d'ouro da mythologia.

A alma em goiphos azues se refugia ;
sobre o mar abro a vela ao vento brando :
— aqui vivi, já me não lembro quando...
E desperto-me assim qual d'uma orgia !



Deixa e dormir o triste passageiro:
seu sonno o reconduz ao feiticeiro
vergel, perdido na amplidão amiga.

Talvez que elle ouça as vozes incantadas,
que vêm do mar em noites estrelladas...
Deixa e que volte á sua patria antiga.



Último canto

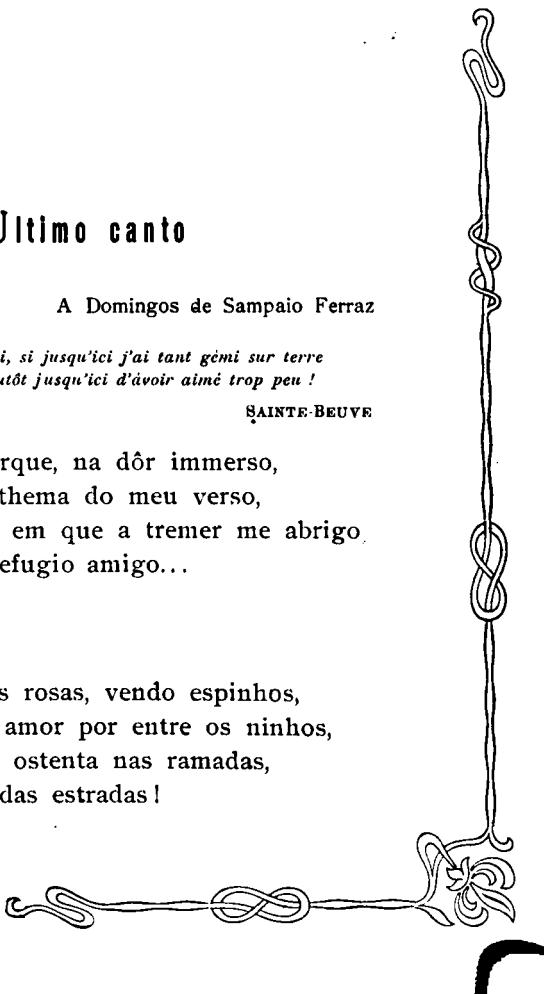
A Domingos de Sampaio Ferraz

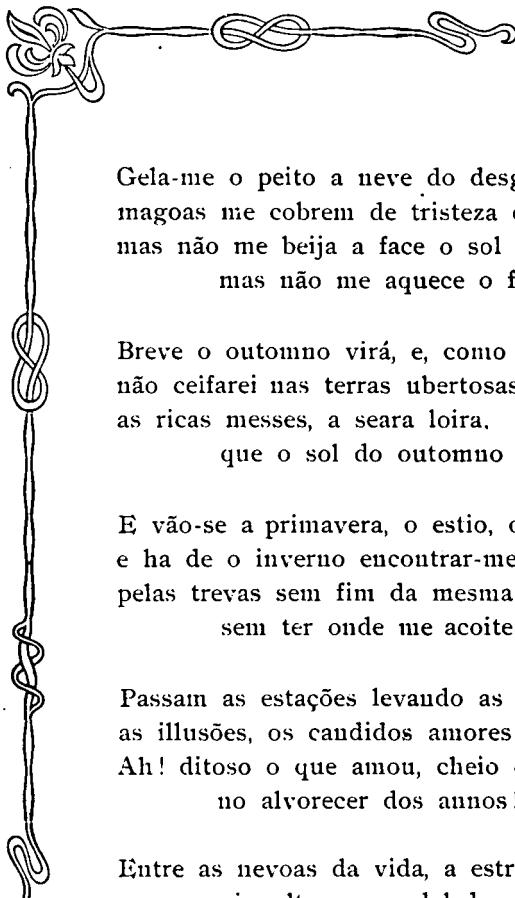
*Oh ! moi, si jusqu'ici j'ai tant gémi sur terre
C'est plutôt jusqu'ici d'avoir aimé trop peu !*

SAINTE-BEUVÉ

Eu não direi porque, na dôr immerso,
fiz desta dôr o thema do meu verso,
— e deste verso, em que a tremer me abrigo
o meu refugio amigo...

Não pude ver as rosas, vendo espinhos,
não pude ver o amor por entre os ninhos,
que a primavera ostenta nas ramadas,
á beira das estradas !





Gela-me o peito a neve do desgosto,
magoas me cobrem de tristeza o rosto;
mas não me beija a face o sol do estio,
mas não me aquece o frio!

Breve o outomno virá, e, como as rosas,
não ceifarei nas terras ubertas,
as ricas messes, a seara loira,
que o sol do outomno doira...

E vão-se a primavera, o estio, o outomno!...
e ha de o inverno encontrar-me no abandono,
pelas trevas sem fim da mesma noite,
sem ter onde me acoite!

Passam as estações levando as flôres,
as illusões, os candidos amores...
Ah! ditoso o que amou, cheio de enganos,
no alvorecer dos annos!

Entre as nevoas da vida, a estrada immensa
percorre, involto no sendal da crença!
E de novo se enflora na lembrança,
em que a alma enfim descansa!

Resta um consolo, uma saudade resta !

Viu nos prismas do amor o mundo em festa,
o céo azul, e o campo viridente,
á luz do sol nascente...

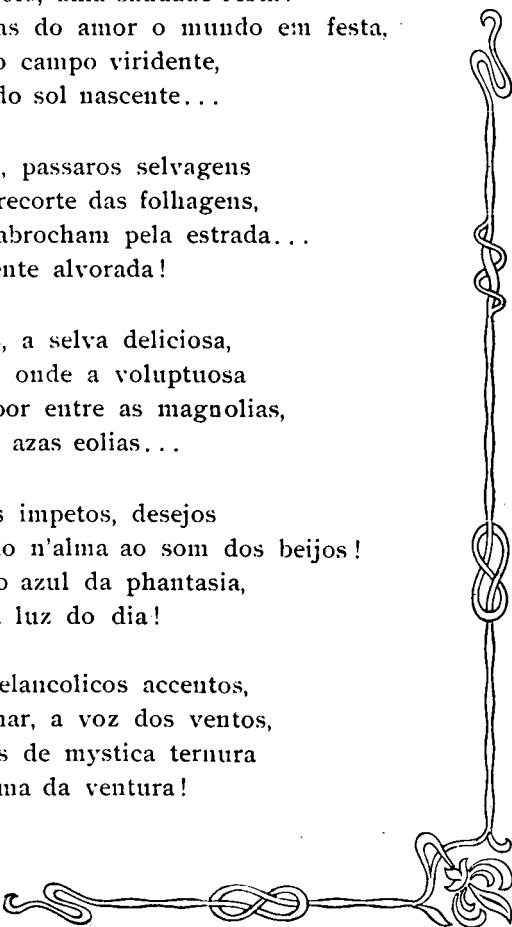
Aguas sonivias, passaros selvagens
gorjeando no recorte das folhagens,
cactos que desabrocham pela estrada...

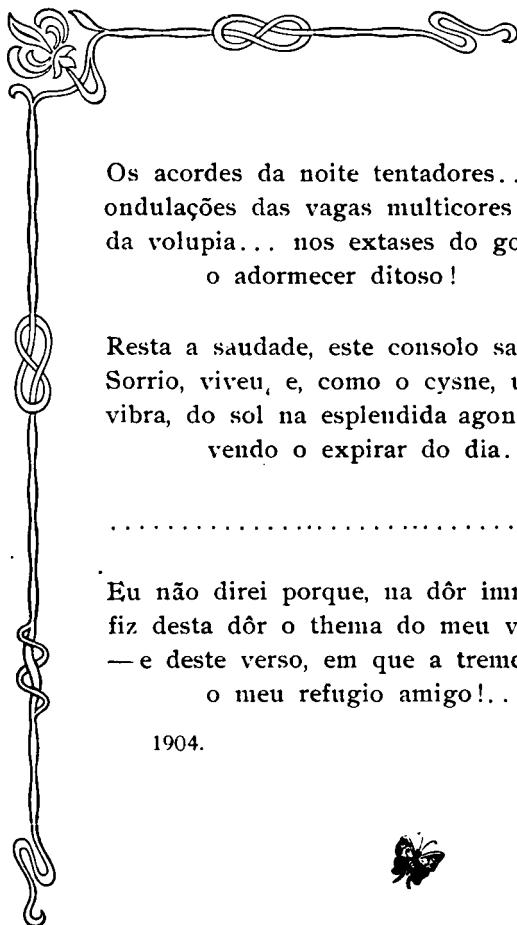
Sorridente alvorada !

Prados, vergeis, a selva deliciosa,
selva de flôres, onde a voluptuosa
ave do amor, por entre as magnolias,
bate as azas eolias...

As emoções, os impetos, desejos
loucos, brotando n'alma ao som dos beijos !
Os arroubos no azul da phantasia,
á plena luz do dia !

Da tarde os melancolicos accentos,
a tristeza do mar, a voz dos ventos,
quantos trechos de mystica ternura
do poema da ventura !





Os acordes da noite tentadores...
ondulações das vagas multicores
da volupia... nos extases do goso
o adormecer ditoso!

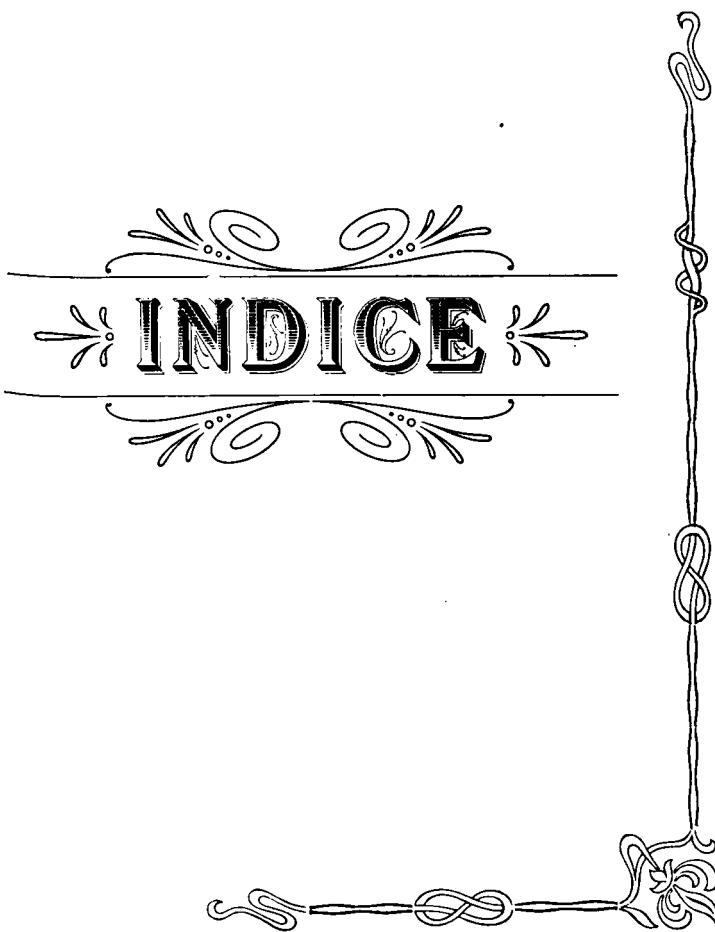
Resta a saudade, este consolo santo!...
Sorrio, viveu, e, como o cysne, um canto
vibra, do sol na esplendida agonia,
vendo o expirar do dia...

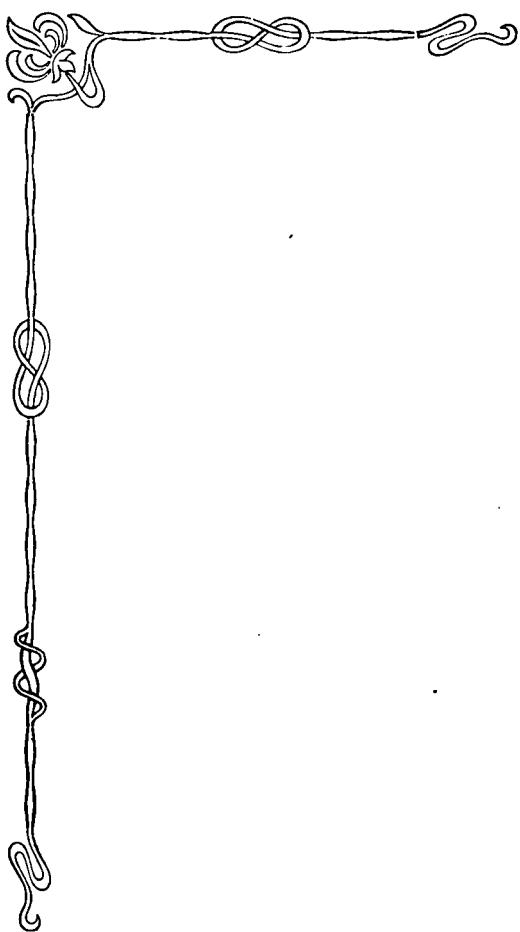
.....

Eu não direi porque, na dôr immerso,
fiz desta dôr o thema do meu verso,
— e deste verso, em que a tremer me abrigo,
o meu refugio amigo!...

1904.







ÍNDICE

	Pgs.
Prelúdio	3
A minha Mãe I	5
» » II	7
» » III	9
» » IV	11
Trovas românticas	13
Ideias irmãs	17
Mysticismo	19
Destino	21
Riso e Pranto	23
Jesus de Nazareth	25
A um cego	27
Gethsemani	29

